

G. PINTO

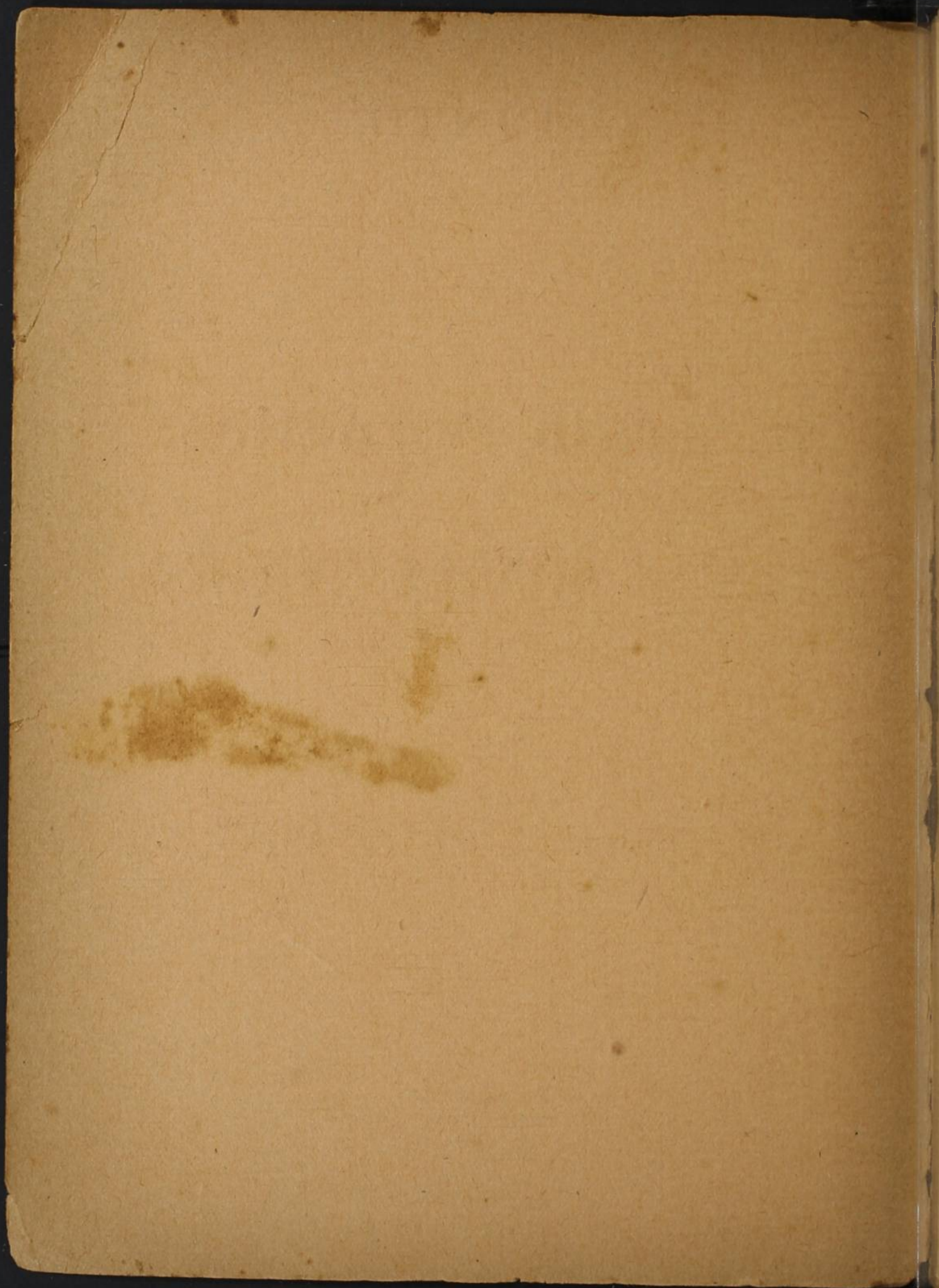
O Sertão, A Política
— E —
os Cangaceiros

Garanhos — PERNANBUCO




Rio de Janeiro
Typ. Revista dos Tribunaes — Carmo, 53

1921



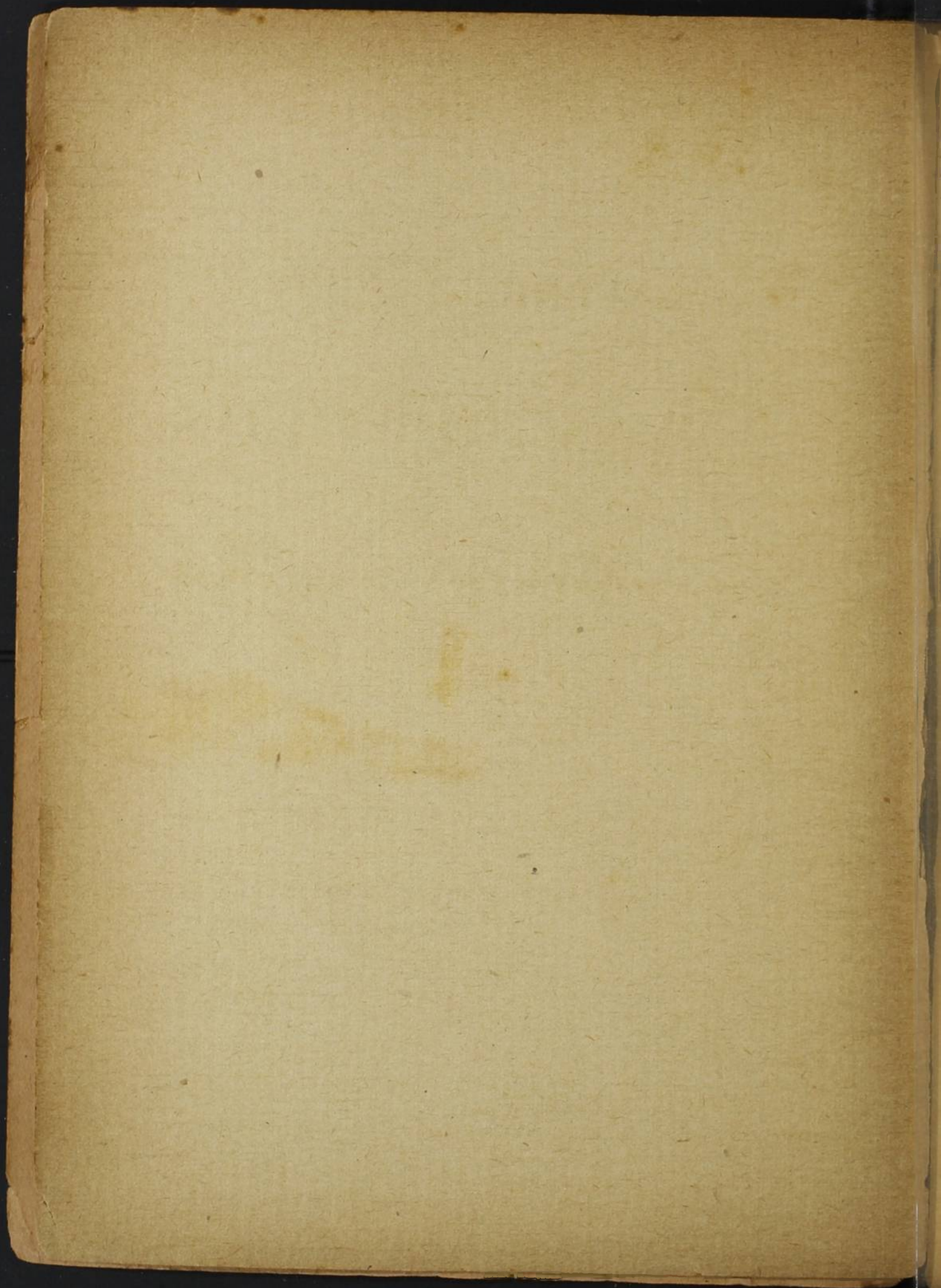
G. PINTO

AOS POLITICOS
—DE—
MINHA TERRA

Saranhuns  PERNAMBUCO



RIO DE JANEIRO.
Typ. Revista dos Tribunaes—Carmo, 55
1921

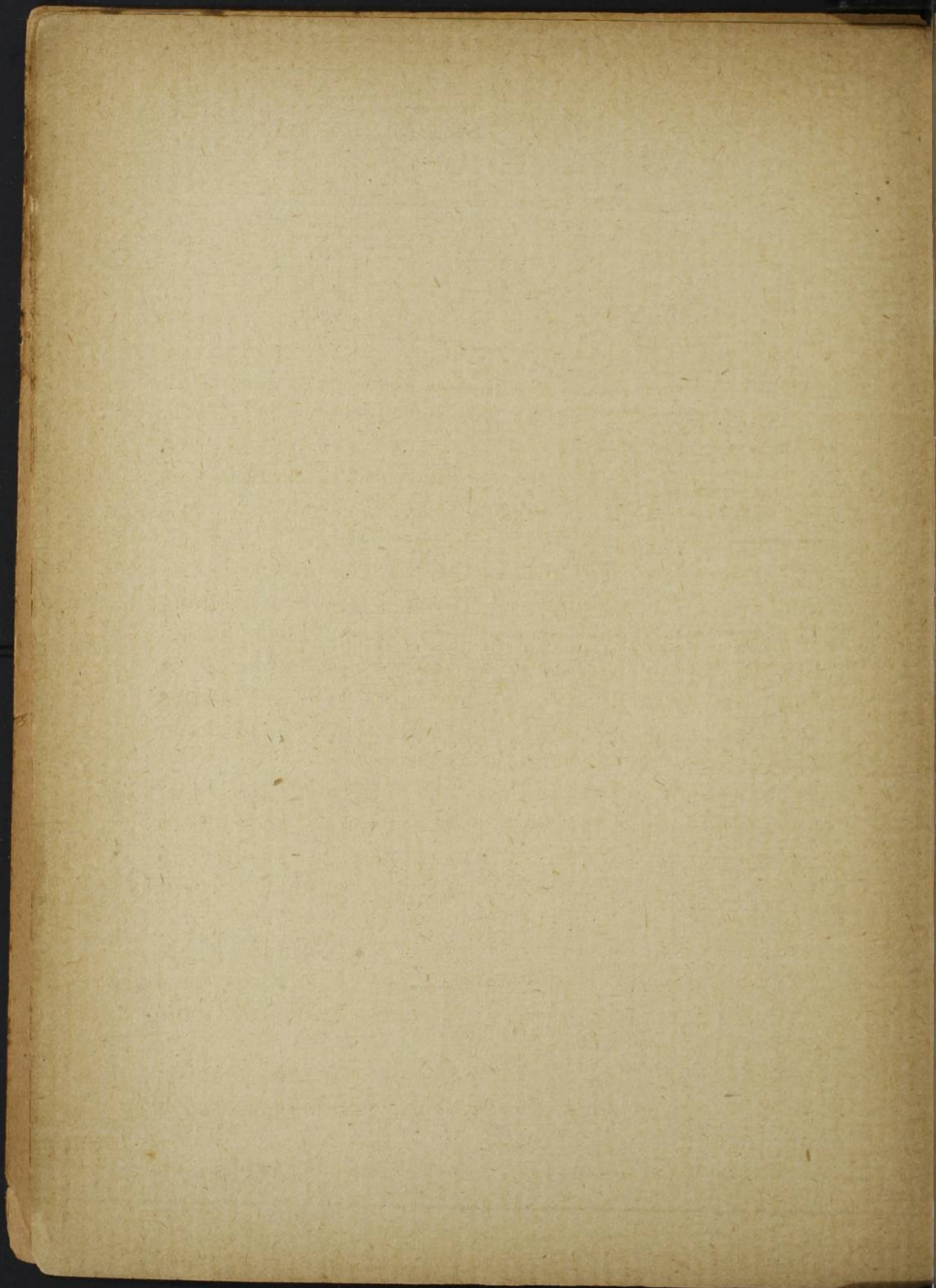


LEITOR,

Ao escrever a presente narrativa, não tive a menor idéa de produzir um trabalho litterario.

Informações de fonte segura, algumas de protagonistas e de espectadores dos factos nella narrados, fizeram-me procurar dar a conhecer, aos meus compatriotas, os horrores que a miseravel politicagem, que assola todo o nosso grande e amado Brasil, especialmente o «Sertão do Norte», tem causado ao povo, esse infeliz povo esquecido dos governantes, salvo quando querem adormecer a bôa indole do bravo e hospitaleiro sertanejo, para só despertar ou fazer nascer, em seu meigo coração, instinctos de fêras sanguinarias.

E' de lamentar que quem mais contribue para a pratica desses horrores, sejam os portadores de um pergaminho, documento comprobativo de solemne compromisso, assumido perante a humanidade, de propugnarem sempre pela causa da JUSTIÇA e do DIREITO!



Quando a terrível secca, flagello aterrorizador dos nortistas, attinge ao seu máximo, veem-se, pelas estradas sertanejas dos Estados de Pernambuco ao Ceará, centenas e centenas de infelizes creaturas que descem dos sertões para as mattas — em bandos, semelhantes a aves de arribação — famintos, rôtos, verdadeiramente dignos de piedade.

No anno de 1877, anno conhecido no norte do Brasil como um dos mais terríveis do seculo passado, pela fome que reinou naquelles Estados, via-se, na estrada de Buique á Caranhuns, cidades do interior do Estado de Pernambuco, no meio de muitas familias flagelladas, uma que nos chamou a attenção pelo modo digno de seu chefe.

Esta familia era composta de 7 pessôas: um casal com 5 filhos, duas meninas e tres meninos, todos bem creanças e podendo ter, o mais velho, no máximo 8 annos de idade e os outros seguiam-se numa ordem decrescente.

Vimol-a na estrada que conduz á Garanhuns, já á tardinha, quando o sol espalhava os seus ultimos raios sobre aquelles campos, cuja vegetação havia desaparecido.

Onde iria? Qual o seu destino? Ninguem jámais o sabia — nem mesmo ella tinha um ponto fixado para onde o destino a conduziria.

Chega, finalmente, em frente a uma casa de campo.

O pateo está cheia de flagellados; vê-se claramente que a casa está muito cheia, mas, proseguir na jornada áquella hora, é uma temeridade, e lemos no rosto do seu chefe ser o seu intento pousar aquella noite nessa casa.

Dirige-se a um velho que está sentado, em frente á casa, sobre um rôlo de madeira :

—Bôa tarde! Bom amigo!

—E' o senhor o dono da casa?

—Não, Snr., respondeu o velho, mas se o bom amigo deseja fallar-lhe, eu poderei ir chamal-o; eu sou simplesmente um seu hospede, como, creio eu, o Snr. deseja sel-o tambem, não é?

—Justamente, e peço, ao amigo, por favor, chamal-o, pois tenciono passar aqui a noite se elle me o permittir.

O velho desappareceu e d'ahi a pouco surgiu acompanhado de um Snr. ainda moço, em cujo semblante lia-se a bondade personificada.

—Bôa tarde, disse o recém-chegado, deseja alguma coisa?

Ao que o nosso viajante respondeu:—Sim, bom amigo, desejo pousar esta noite, com minha familia, em vossa casa se me o permite.

—Sim, pois não! A casa está cheia, como o Snr. está vendo, porém para se passar uma noite em qualquer logar se passa. Portanto, faça o Snr. de conta que está em sua casa.

—Muito agradecido. — Desceu do seu cavallo magro e quasi esqueletico e foi ajudar a desmontar a sua mulher e tirar os filhos de dentro de um par de

malas de couro, ajudado pelo velho com quem fallára logo de chegada.

Nessa noite todos os flagellados contavam, uns aos outros, de que logar eram e o que tinham passado durante a viagem; todos fallavam alegremente, e como diz o rifão: — «Mal de muitos consôlo é» — não havia tristeza no meio daquella desgraça; só uma pessoa estava triste e não conversava — era o nosso viajante; parece que a desgraça que o attingia era superior á de todos aquelles.

Horas depois, tudo era silencio naquella casa, todos dormiam e o nosso viajante e sua mulher eram os unicos que ainda não haviam conciliado o somno e conversavam baixinho.

Vejamos o que conversavam os dois esposos:

—Maria! dizia elle, amanhã chegaremos á cidade de Garanhuns, e creio que d'alli não me afastarei para mais longe, pois, nem os nossos filhos nem os animaes aguentarão a marcha. Ficaremos alli até melhores tempos, quando podermos voltar á nossa terra.

E ella respondia como uma santa: — Será o que Deus quizer; tenho fé que ainda seremos muito felizes.

Continuaram naquella conversa, assim baixinho, até que o somno reparador os fez adormecer.

Veio finalmente a manhã. Manhã sublime de verão! A casa começou a movimentar-se, todos os hospedes tratavam de se apromptar para a marcha; os que tinham cavallo iam buscal-os e os que não os possuíam, enrollavam as suas rêdes — companheiras inseparaveis dos viajantes sertanejos, e punham-se em marcha.

D'ahi a pouco a casinha estava vazia, para á tardinha encher-se novamente de outros hospedes.

O seu dono, homem incansavel em propugnar o bem, despedia-se de todos com um sorriso nos labios, desejando sempre venturas aos seus hospedes.

Este homem, que no começo desta narrativa, era um abastado fazendeiro, no fim de 5 mezes estava completamente arruinado e teve que emigrar tambem, mas, como Deus protege sempre a estes abnegados benefeitores da humanidade, annos depois, na cidade de Correntes, era um dos mais prosperos commerciantes daquella cidade.

Voltemos ao nosso viajante.

Na tarde desse dia chegava elle ao ponto terminal de sua marcha — Garanhuns.

—João, dizia a sua mulher, tens aqui algum conhecido?

—Não, mas não faltará uma casa para alugarmos, e com o resto do dinheiro que ainda possuímos e com a venda destes cavallos e arreios, poderemos iniciar uma nova vida.

—Mas... João, o nosso thesouro não chegará a sessenta mil réis e a venda destes animaes, assim tão magros, no maximo, alcançará outros sessenta. Não é nada.

—Não, mulher, para começar a vida aqui, desconhecidos de todos, como somos, dará muito bem. Jámais, ninguem descobrirá nos pobres infelizes de hoje, os antigos fazendeiros d'outr'ora.

Agora, que já estamos mais relacionados com o nosso viajante, devemos dizer que a sua historia assemelha-se com a daquelle homem que lhe dera hos-

pedagem: Antes dessa maldita secca, vivia elle, JOÃO DE CARVALHO, feliz com sua familia, como um rico fazendeiro, mas a maldita secca chegou e um anno depois já não possuia mais gado, tudo havia morrido e o restante elle vendera para soccorrer aos que chegavam-lhe a porta, cahidos de fome.

Nessa época em que o encontramos, já não possuie mais nada. Pobre e desterrado.

Como dizia o nosso viajante, á sua mulher, foi muito facil o começo de sua vida nessa cidade; nesse mesmo dia alugou uma casinha, num ponto mais afastado da cidade e começou para esta familia uma nova phase de vida.

Mais tarde veremos o que é feito della.



II

A cidade de Garanhuns, situada num planalto, a 800 metros de altitude, distante da capital do Estado de Pernambuco, trezentos e tantos kilometros, ponto terminal da E. F. S. P., com um clima sublime, quasi europeu, é um centro para onde convergem muitas familias, tanto da capital, como de outras cidades, todas em busca de melhoras para suas saúdes combalidas.

Todos os fins de anno os hoteis estão cheios dessas familias, bem como todas as casas que encontram para alugar.

Os seus habitantes são ordeiros e hospitaleiros. A cidade prospera visivelmente.

No anno de 18... chegou a essa cidade um novo Juiz de Direito; a sua chegada foi um motivo de festa para os seus habitantes. Os mais altos personagens, acompanhados de uma banda de musica, foram a *gare* recebel-o.

Cerca de 4 horas da tarde ouvio-se o troar dos foguetes e a banda de musica romper com um dos seus dobrados predilectos. Era o trem que se approximava.

A estação não podia comportar mais gente, tão cheia estava.

Eis o comboio que pára e ouve-se um grito, que é acompanhado por todos os presentes:

VIVA O DR. JUIZ DE DIREITO!!

Foi uma verdadeira surpresa para todos, ninguém jámais imaginara semelhante typo de homem — tinham em mente uma idéa completamente differente da realidade; o homem saltou acompanhado de um irmão e duas irmãs — elle, um typo baixo, feio e antipathico, o que causou logo uma má impressão a todos; — o irmão um contraste, estatura regular e muito sympathico; — as duas irmãs eram feias, porém sympathicas; todos solteiros.

* * *

Este Juiz que se chamava Luiz de Albuquerque, procurou relacionar-se com as familias da terra, casando-se com uma moça descendente de um dos seus ramos mais numerosos.

Politico habil, soube, em pouco tempo, assenhorear-se da chefia politica do municipio, e como um polvo estendeu os seus tentaculos aos municipios vizinhos, tarefa que lhe foi facil e rapida, pois, em breve, dominava elle 4 municipios: GARANHUNS, BOM-CONSELHO, CORRENTES e CANHOTINHO.

Pobre, aventureiro, não tendo de haveres nada, além de seus vencimentos de Juiz, procurou um meio de enriquecer, e este meio foi o SAQUE E A RAPINA. Para isto collocou em sua politica typos que se prestassem a todos os papeis.

Os habitantes da terra que possuiam haveres eram perseguidos com prisões e espancamentos, até abandonarem o que tinham, e, se a isso não se submettiam,

começava então o exterminio da raça: hoje era assassinado um, amanhã outro e assim por diante.

Coração de ferro, nunca se vio elle condoer-se de uma desgraça alheia; hypocrita ao extremo, jámais fazia aquillo que promettia.

Um dia bateu-lhe á porta um homem, elle mesmo foi recebê-lo; mandou entrar e convidou-o a sentar-se e dizer o que pretendia. O pobre homem humilhado e receioso das iras daquelle tigre, começou a sua oração pedindo-lhe desculpas por ter vindo incommodal-o; ahi a fera animou-o com as seguintes palavras: «Não, bom amigo, nada de dizer que vem encommodar-me, eu estou sempre ao dispor do amigo; de tudo aquillo que estiver ao meu alcance, pode dispor sem o menor receio».

O homem animado com estas palavras recomeçou: —Dr. Luiz, como o Snr. sabe, a minha familia mora toda ella em Brejão (Districto do Municipio de Garanhuns) e o sub-delegado dalli a tem perseguido tenazmente desde que foi nomeado para esse cargo; ainda hontem recebi uma carta de um irmão meu, communicando-me que haviam sido presos um filho e um genro, accusados de terem espancado um tal José Joaquim, quando, o Dr. póde acreditar, é um falso; elles são uns moços incapazes de commetter uma acção destas; por isso, meu irmão pedia-me na carta para vir ter com V. S., afim de mandal-os soltar.

—Pois não! respondeu-lhe o Dr. Luiz, é muito justo o seu pedido e eu estou aqui é para fazer justiça; tenho as melhores informações a respeito de sua familia, como ordeira e trabalhadora. O amigo me dá licença que eu vou escrever uma cartinha para

o sub-delegado. Sentou-se proximo a uma mesa que havia perto e escreveu a seguinte carta: «Caro amigo Amancio. Saudações affectuosas. O portador desta é o nosso amigo Joaquim Alves para quem peço os teus serviços, no sentido de serem postos em liberdade os Snrs. José Alves e Antonio Silva, presos hontem nesse districto, accusados de espancamento na pessoa de um individuo de nome José Joaquim.

Estou bem informado da conducta da familia Alves, portanto, estou certo que o attenderás. Do amigo certo, Luiz de Albuquerque.» Feita a carta, voltou-se e a leu para o Joaquim Alves ouvir; em seguida perguntou-lhe: — Então! Está satisfeito?

—Muito, respondeu o Joaquim, e não sei como agradecer tamanho favor.

—Não se encommode com isso meu amigo; você me pagará isso que chama de favor, continuando a ser, como até hoje tem sido, um homem honrado e trabalhador.

—Muito agradecido Dr., que Deus proteja a V.S. e a sua familia. E retirou-se bemdizendo aquelle homem de quem tão mal diziam e que, no emtanto, era um santo homem.

Logo que o pobre desgraçado sahio dalli, elle entrou para a sala de jantar e chamou: — Josepha! Essa por quem elle chamava era sua mulher. Veio logo attendel-o e elle então disse-lhe: sabes quem esteve agora mesmo aqui?

—Não, não sei.

—Foi o Joaquim Alves, membro da familia Alves do Brejão. Veio pedir-me para mandar soltar um sobrinho e um cunhado deste.

—E o que fizeste? Terias tido, por acaso, pena delles? Falla, falla logo, que estás me encommodando com o teu silencio.

—Sim, tive dó de sua desgraça, (elle mentia miseravelmente) e escrevi uma carta ao Amancio para soltal-os.

Ella então deu um pulo como uma hyena para uma janella proxima e gritou: — Gregorio! Gregorio!

—Snra., respondeu-lhe uma vóz, aqui estou para servir a V. S.

Este que entrava era um preto, alto, musculoso, mal encarado, e que não trepidaria em estrangular uma creatura se isto lhe ordenassem os patrões — prova que já havia posto em pratica por mais de uma vez.

—Gregorio, disse-lhe ella, vae a estribaria, arceia um cavallo e prepara-te para ires já e já ao Brejão.

—Sim, Snra., respondeu o preto e desapareceu.

—Agora, virando-se para o seu marido, vae escrever uma outra carta ao Amancio desfazendo a que déste áquelle imbecil.

—Mulher! Olha que isto é uma indignidade!

—Nada, nada disto, quero que escrevas já. Olha! Ahi vem o Gregorio prompto para a viagem.

Elle então levantou-se e foi obedecer aquillo que era o seu maior desejo, mas que hypocritamente estava fingindo. Cinco minutos depois voltava elle com um papèl escripto e entregava a mulher dizendo: — Prompto! Tuas ordens estão cumpridas.

Ella, em cujo olhar lampejou uma alegria, tomou a carta que o marido lhe entregava e leu o seguinte: — «Meu caro Amancio. Saúdo-te. Hoje veio em minha

casa o Snr. Joaquim Alves pedir a minha protecção, no sentido de conseguir de ti a liberdade de um seu sobrinho e um cunhado deste. Fiz o que elle pedia, porque, bem sabes que assim nos aconselha a bôa politica, mas a carta que te escrevi por elle, não produzirá nenhum effeito, visto ter a certeza de que esta chegará primeiro ás tuas mãos. *E' tempo, pódes começar por estes dois.* Do amigo certo. Luiz Albuquerque.»

Acabada a leitura, fechou a carta e chamou o Gregorio e disse-lhe: — Toma esta carta, é para o Snr. Amancio, no Brejão. Monta a cavallo e segue immediatamente — não poupes o cavallo — quero que daqui a 2 horas esta carta esteja em suas mãos, e voltes hoje mesmo com a resposta.

— Sim, Snra.. A Snra. não deseja mais nada?

— Não, pódes partir.

D'ahi a pouco ouvia-se o galopar de um cavallo subindo o alto da Bôa Vista, e os transeuntes diziam: «Alli vae o mensageiro da desgraça!»

E não se enganavam os que assim diziam.

Uma hora mais tarde, o preto — mensageiro da desgraça — cruzava, na estrada que conduz a Brejão, com o viajante que nesse mesmo dia estivera em casa do Dr. Luiz: era o Joaquim Alves que, cheio de alegria, levava a carta portadora da liberdade de seu sobrinho.

A's seis e meia horas da tarde chegava a Brejão e apeava-se á porta do sub-delegado, o preto Gregorio.

Todos os moradores daquelle pequeno povoado, composto sómente de duas ruas, com uma igreja no centro, já o conheciam e quando elle apparecia assim,

sem ser acompanhado pelo patrão, esperavam algum máo acontecimento.

Entrou em casa e o sub-delegado perguntou-lhe: —Então Gregorio! Alguma novidade?

—Não Snr., apenas sou portador de uma carta do patrão.

—E sabes o que diz essa carta?

—Não Snr., está aqui ella—tirando-a do bolso e entregando-a ao sub-delegado.

Este era um typo de estatura regular e barrigudo, homem sem entranhas, finalmente, uma féra humana.

Pegou na carta que lhe apresentava o preto Gregorio e leu-a. Finda a leitura, o homem levantou-se ligeiro e poz o chapéo na cabeça e disse: «Espera-me aqui, Gregorio, que eu já volto para responder á carta; acabou de dizer isto já na porta da rua e sahio apressadamente. De um pulo chegou á rua fronteira e dirigiu-se a uma casa e chamou por Diogo; este respondeu immediatamente: — Prompto! Snr. delegado.

Elle entrou.

—Os presos?

—Estão ahi.

—Chama teus companheiros, e leva-os para Garanhuns, já. Nada de demora. Quando chegares na matta esbofeteia-os; elles dirão qualquer cousa, então já sabes o que tens a fazer. Assim será melhor para vocês que voltarão logo.

Dadas estas ordens, voltou para casa e sentando-se junto á mesa escreveu: «Meu caro amigo Dr. Luiz. Saudações. Recebi vossa carta e *já dei todas as providencias*. A carta chegou a tempo, pois o imbecil do Alves ainda não chegou e quando chegar... é tarde, os

homens já seguiram para a cadeia d'ahi. Recommendações a d. Josepha. Do amigo. Amancio Tavares.» Fechou a carta e virando-se deu com o filho. — Pedro! Vae chamar o preto Gregorio e diz-lhe que a resposta está prompta.

No mesmo instante appareceu Gregorio.

— Toma, disse-lhe o sub-delegado entregando a carta, podes partir quando entenderes.

— Já, respondeu o preto e foi sahindo. Montou a cavallo e partio como uma séta.

A's 10 horas da noite chegou á porta do Dr. Luiz um cavalleiro — era o preto Gregorio. Foi á estribaria deixou o cavallo e foi bater á porta da cosinha. Veio abril-a uma preta velha. — Bôa noite, tia Maria, a patrôa?

— Está na sala de jantar esperando-te.

Entrou. Na sala de jantar estava a patrôa, como dissera a preta velha. Estava sentada numa cadeira de balanço.

— Prompto! Patrôa. Está aqui a resposta da carta que V. S. me incumbiu de entregar ao Snr. Amancio.

— Dá-m'a, e apossando-se da carta, como um tigre de sua presa, rasgou o envelope e leu o seu conteúdo, que já conhecemos. Acabada a leitura, ficou satisfeita e voltando-se para o preto disse-lhe: — Obrigada, Gregorio, tu és um criado intelligente. Vae descansar e amanhã eu te recompensarei.

O preto não esperou nova ordem, desapareceu e d'ahi a pouco dormia tranquillamente em sua casinha, proxima á estribaria.

D. Josepha estava radiante — foi ter logo com o marido.

—Luiz! O Gregorio já está de volta.

—E a resposta? — Indagou o Dr. Luiz.

—Eil-a, — e entregou-lhe a carta.

Elle leu-a e ficou impassivel — só quem o conhecesse bem, teria notado um sorriso na ponta dos labios do lado direito — signal evidente de que estava contente.

—Está bem. Estes rapazes estão bem arrançados.

*
* *
*

Voltemos ao Brejão.

O commandante do destacamento deu suas ordens. D'ahi a pouco punham-se em marcha, elle e mais 3 soldados de policia conduzindo os 2 presos.

Nesta mesma occasião um cavalleiro que chegava ao povoado batia a porta do sub-delegado. Era o Joaquim Alves que vinha entregar a carta do Dr. Luiz.

O sub-delegado recebeu-o bem. Indagou o que elle pretendia e este explicou a sua presença alli entregando-lhe a carta. O sub-delegado abriu a carta e leu o que já conhecia de sobra.

—Bem, Snr. Joaquim, o que o Snr. deseja é muito facil, não aqui, mas na cidade, pois seu sobrinho já seguiu para alli, hoje mesmo. Se elle ainda aqui estivesse nada mais facil e agora mesmo o Snr. sahiria com elles.

—Mas... disse-lhe o Joaquim, a que horas partiram? (uma vaga suspeita havia-lhe surgido).

—A's 4 horas da tarde, respondeu o sub-delegado. (mentia descaradamente).

—Mas... eu não os encontrei na estrada!!

—Talvez o Snr. tenha entrado em alguma casa na ocasião em que elles passavam.

—Póde ser isso mesmo, pois eu apeei-me numa casa para beber agua e demorei-me uns 5 minutos. Está bem, disse levantando-se, adeus e muito agradecido, Snr. delegado, pela bôa vontade que o Snr. me demonstrou.

—Sempre ás ordens, Snr. Joaquim, aqui fico sempre ao inteiro dispor dos amigos, e eu conto o Snr. no numero delles.

O Joaquim partio e sahio dizendo consigo mesmo:

—Cão malvado, ha de chegar tambem a tua vez, miseravel bandido.

A fazenda do irmão ficava distante uma meia legua — pouco tempo gastou na jornada para chegar. Bateu á porta e não vieram abril-a. Bateu novamente com mais força; então, uma voz de mulher que denunciava mêdo indagou:

—Quem bate?

—Sou eu, Joaquim. Vocês já não conhecem mais a minha voz!

Ouvio-se, então, a chave girar na fechadura. Apareceu uma mulher que disse-lhe: — Entre Joaquim, —Este entrou. A mulher era sua cunhada; abraçou-o chorando. — Que desgraça! Joaquim, meu filho preso! O que será feito delle agora!

—Socegue Luiza, eu estive com o Dr. Juiz de Direito e elle prometteu-me mandal-os soltar.

Reuniram-se todos da familia e o Joaquim contou tudo o que havia feito depois que recebera a carta do irmão.

Deixemol-o contar todos os seus passos em favor dos sobrinhos e voltemos a estrada que conduz a Garanhuns.

Os dois rapazes iam tristes e mudos. A desgraça que os attingia era enorme. De repente o mais moço virou-se para o outro e disse-lhe:

—Antonio! Tu não achas que isto é um crime, nos prenderem sem termos feito mal a ninguém?

O commandante da força só esperava por isto mesmo.

—Canalha! — Gritou-lhe, o que estás ahi dizendo! Patife! — E soltou uma bofetada na face do pobre rapaz.

—Bruto! — Disse elle.

O policial que estava mais proximo, saccou de um sabre e deu-lhe uma espalderada que o prostou em terra.

Então elle levantou-se e avançou para o soldado. A lucta foi rapida. Do primeiro encontro o rapaz apossou-se do sabre do policial e desfechou-o em cima; o soldado cahio deitando uma golfada de sangue. Seu companheiro de infortunio, tambem avançou para a lucta. Um tiro quebrou o silencio da noite e este cahira para nunca mais se levantar — estava morto. O outro luctava como um leão, mas havia de succumbir tambem. Deu ainda uns golpes á direita e á esquerda e preparou-se para fugir — pensamento que poz logo em execução. Disparou numa carreira louca. Ouvio-se um segundo tiro, o baque de um corpo que cahe, e uma voz já fraca dizer — Bandidos! Minha mãe...

Quando aquelles vis assassinos aproximaram-se para acabar de matal-o, elle já era um cadaver.

Consummados estes barbaros crimes, o commandante ordenou aos seus miseraveis companheiros:

—Para o Brejão!

Elles então, levantaram o camarada que ainda estava por terra, branco como um cadáver e puzeram-se em marcha, deixando as suas duas victimas no meio da estrada. Momentos depois entravam no povoado, ordenando-lhes o commandante:

—Vocês sigam para o destacamento, que eu vou ter com o delegado.

O sub-delegado estava á porta, talvez já esperando a noticia do duplo assassinato.

—Prompto! Chefe, disse o commandante. Os rapazes já chegaram aos seus destinos.

—Está bem, eu já contava que vocês sahiriam-se bem da empreitada.

—Ordena mais alguma cousa?

—Sim. Temos que fallar. Entre.

Entraram os dois para a sala. O sub-delegado fechou a porta e sentaram-se um em frente do outro.

—Olha rapaz, chegou o tempo de agirmos. Recebi hoje uma carta do nosso chefe, Dr. Luiz, dizendo que eu começasse com estes dois rapazes que vocês hoje despacharam; portanto, quando sahires d'aqui, conta a diversas pessoas o acontecimento, para que estes vão buscar os corpos, e procura tambem um homem para ir levar a noticia á sua familia; depois volta ao destacamento e previne aos teus subordinados para prepararem-se, pois, amanhã, ás 5 horas da manhã, sahiremos em diligencia.

—Agora, disse levantando-se, vae cumprir o que te determinei. Por hoje só tens a fazer isto.

—Bem, chefe, amanhã os meus homens estarão promptos para a diligencia. A pé ou a cavallo? — perguntou.

—A cavallo.

—Até amanhã.

—Até amanhã, Diogo.

Este seguiu ao seu destino e cumprio fielmente as ordens que recebera, pois duas horas mais tarde chegavam ao povoado duas rédes seguras pelos punhos em dois compridos páos, com os corpos das infelizes victimas; e um homem sahia a cavallo para fazer a comunicação á sua familia.

A' meia noite batia a porta do Antonio Alves quem levava a noticia da morte de seu filho e do genro.

Todos em casa ainda estavam accordados conversando sobre os acontecimentos; a mulher e a filha pouco fallavam. De repente batem á porta; a mulher levanta-se e vae ver quem é. Chegando a porta perguntou:

—Quem bate?

—E' de paz. O Snr. Antonio está em casa?

—Está, sim.

—Faça o favor de dizer-lhe que venho do Brejão trazer noticias do seu filho.

A mulher abriu a porta e disse-lhe:

—Entre.

O homem entrou e em poucas palavras contou a tragedia da matta e a chegada dos corpos em Brejão.

Foi uma scena emocionante a que se desenrolou nesta hora, quando o homem acabou de dar a noticia: chôro, lamentações, ataques, era o que se via nesta pobre casa, áquella hora da noite.

O homem commovido retirou-se.

Mais tarde toda a familia seguia para o povoado e á chegada repetia-se a mesma scena.

Amanhecera o dia. O Joaquim Alves montou a cavallo e foi convidar os parentes para os enterros. Todos moravam perto, o que morava mais longe era a familia de Antonio Silva, uma das victimas, a qual foi a unica que não veio ao enterro, pois ao receber a noticia da morte de seu filho, a mãe, deu um grito e cahio. Estava morta.

Effectuou-se o enterro com um grande acompanhamento todo de parentes. Quando o corpo de José baixou a sepultura, o Antonio Alves que estivera sempre calado, pronunciou estas palavras: — «Descança filho: o que fizeram hoje comtigo, amanhã farão o mesmo com elles, porque disse CHRISTO: Quem com ferro fere com o mesmo será ferido.

*

* *

A's 5 horas da manhã, como haviam combinado, sahio o sub-delegado acompanhado pelo commandante do destacamento e 4 proças, todos montados a cavallo: O sub-delegado ia adiante da tropa. Quando chegaram em frente á casa do Antonio Alves apeiaram-se. O sub-delegado ordenou-lhes que arrombassem a porta. Os soldados executaram as ordens do chefe. Acabada a tarefa elle disse-lhes:

—Esperem aqui que eu já volto. Entrou e começou a revistar todos os quartos, abrindo todos os moveis e malas e saqueiando tudo que encontrava. Quando

já não havia mais nada a saquear, sahio. Vinha com seu grande capote recheiado de todo ouro, prata e moeda papel que encontrou.

—Vamos embora, disse elle para os soldados, julguei encontrar aqui qualquer cousa de suspeito, porém me enganei. Mas, temos de voltar por aqui e bater por toda esta redondeza; tenho que descobrir qualquer cousa. Amanhã vou mandar chamar dois rapazes bons — homens experimentados e que conhecem isto aqui a palmo. Eu sempre não poderei acompanhar vocês e um destes dois me substituirá; estou prevenindo para que obedeçam a elle como se fosse a mim, pois elle representará a minha pessoa.

Voltaram todos. A missão estava cumprida como vimos, e consistia sómente naquillo de que o sub-delegado enchera os bolsos.



III

O inverno na cidade de Garanhuns é horrível; o frio, relativamente a uma cidade do Norte, é insupportavel, chegando ás vezes a 4 grãos.

Os viajantes, assim como os habitantes ainda não aclimatados, o acham detestavel.

A chuva é quasi continua. Mezes ha em que, difficilmente, se veem os raios solares.

Mas, com tudo isto, o povo gosa saúde. Raramente esta cidade é perseguida por epidemias.

Numa noite dessas de inverno, em que a chuva não cessava e o frio era intenso, n'uma casinha baixa, se vê uma familia ao redor de um fogareiro.

Faltavam naquella roda duas pessôas, uma era o chefe daquella familia e a outra era o filho mais velho do casal.

Ao redor daquelle brazeiro estavam sentados: uma senhora, quatro mocinhas e dois rapazes.

—Mamãe, diz um dos rapazes, amanhã eu não fico mais em casa, irei procurar um emprego qualquer para assim ajudar ao papae e ao Thomaz; pois não acha, mamãe, que é muito feio um rapaz de minha idade ficar em casa como uma moça, esperando pelo que ganham o papae e o Thomaz para se manter?

—Não, meu filho, não acho feio isto que estás dizendo, porque ainda és muito creança, contas ape-

nas 13 annos e já estás aborrecido de viveres junto de tua mãe!

—Não, mamãe, não é por estar aborrecido, a Snra. sabe muito bem que nunca estou mal satisfeito ao seu lado, porém não me fica bem esta vida de comer e vestir com o producto do trabalho alheio.

—Não, filho, não é alheio, pois teu pae tem obrigação de trabalhar para te manter, até ficares em condições de ganhar a vida.

—Pois, mamãe, é justamente por isto mesmo; já attingi a idade para tal, não achas Affonso? — Virando-se para o seu irmão mais moço.

—Sim, Julião, eu penso da mesma maneira, e esta semana tenho pensado muito a este respeito; estava mesmo resolvido a fazer o mesmo que acabaste de dizer a mamãe.

—Então! disse Margarida, é uma greve que vocês dois estavam tramando! Como é então que os dois pensam a mesma cousa e no mesmo dia?!

—Qual greve, qual nada, Margarida! disse Julião, tu achas justo ficarmos aqui junto de vocês, na ociosidade, quando o pae e o irmão mais velho trabalham todo o santo dia para sustentar a nós todos?

—Qual é a tua opinião Amelia? indagou Margarida a irmã.

—A minha opinião é a mesma do Julião e do Affonso. Acho que si elles expontaneamente querem procurar meio de vida, é porque se acham com força sufficiente para enfrentar a lucta pela vida, portanto, a minha opinião é toda favoravel, e accrescento mais, felicito-os pela nobre idéa.

—Bravos! Muito bem, minha irmã! disseram os

dois ao mesmo tempo, levantando-se e indo cumprimentar a irmã.

—Ouvio, mamãe, o que disse Amelia? — perguntou Margarida. Quer dizer que se ella fosse homem tambem já havia nos abandonado!

—Porque fallas assim! Reprehendeu-lhe a mãe. Elles nunca fallaram em abandonar a ninguem, maximé a nós por quem elles se querem sacrificar, atirando-se á lucta pela vida, assim tão jovens. Não, minha filha, pensa bem quando fallares para que nunca te aconteça uma como esta.

—Muito bem mamãe, obrigado pela nossa defeza, disse Julião; Margarida é assim mesmo, de vez em quando sahe-se com cada uma!

Margarida amou-se para um canto e não quiz mais tomar parte na conversa.

Affonso quebrou o discurso do irmão, dizendo:

—A minha vocação é para a pintura, se nós estivéssemos num meio mais culto, onde existisse uma Escola de Bellas Artes, vocês iriam ver que grande artista estava aqui (batendo no peito).

—Eu, disse Julião, só tenho vocação para o commercio e espero em Deus ser ainda um grande commerciante; por isso mesmo, na escola, eu só estudo com prazer Arithmetica, e, modestia á parte, tenho-me na conta de um dos melhores alumnos desta materia.

—Mamãe! Quando o papae chegar eu vou expôr a elle a minha idéa, por isso, peço á Snra. para não se oppôr. Quero amanhã mesmo procurar um emprego no commercio.

—E eu, atalhou Affonso, peço-te fallares tambem

por mim; já que não posso seguir a carreira de minha vocação, quero seguir também a tua.

—Sim, não te encommodes, eu fallarei também por ti, e com a protecção da mamãe e da Amelia, elle acabará cedendo.

—Meus filhos, disse a mãe, quando Julião fizer o pedido, eu ficarei muda, não direi que sim nem que não, mantenho-me neutra, serve assim?

—Serve, disse Affonso, comtanto que, se o papae pedir a vossa opinião, a Snra. responda simplesmente estas palavras: —A tua opinião é a minha, faze o que entenderes.

—Sim, isso eu prometto.

—Papae está demorando, choramingou uma pequena, e eu estou com fome.

As lagrimas rolaram dos olhos daquella santa mãe como se fossem de uma cascata. Era a primeira vez, durante a sua vida, que ouvia uma reclamação semelhante. Levantou-se, pegou na pequenita pelos braços e começou a consolal-a:

—Sim, Laurita, o teu papae não deve tardar. Elle trará um pãozinho doce pr'a você, filhinha do coração.

Todos entretidos na palestra ainda não tinham notado que o pae estava demorando, por isso, aquella creança veio interrompel-os daquella alegre conversação.

Depois das palavras da Laurita, ninguem teve mais coragem de fallar. Todos pensavam se teria acontecido alguma cousa a elle, mas ao mesmo tempo diziam para si:

—Não! se acontecesse alguma cousa com o papae, o Thomaz já teria vindo nos avisar.

Passaram-se uns dez minutos e elles não appreciam; mais dez e nada. Finalmente, disse Julião:

—Mamãe! Eu vou até o centro ver se encontro com papae.

—Não, disse ella, esperemos mais uns dez minutos, então, se elle ainda não tiver chegado, irão vocês dois.

Ficaram calados e olhando para um despertador velho que estava sobre uma mesinha.

—Mamãe! dez minutos. E' tempo, podemos ir? — perguntou Julião.

—Sim, vão, mas tenham cuidado, vão direitinhos e se não encontral-os no centro, voltem logo.

Os rapazes puzeram-se de pé. Afastaram-se um pouco do brazeiro, levantaram as golas de seus paletots, puzeram seus chapeos desabados e quando se dirigiam para a porta, ouviram passos na calçada.

—São elles, — disseram os dois rapazes, e esperaram que batessem.

Bateram á porta. Julião abriu. Eram realmente elles. Entraram. Vinham completamente molhados.

—Que chuva insuportavel! disse o chefe da familia, entrando em seu quarto para mudar de roupa. O filho deixou uns embrulhos sobre a mesinha e foi tambem fazer o mesmo.

Margarida foi pôr o jantar e preparar a ceia, e d'ahi a pouco estavam todos sentados a mesa.

—João! disse sua mulher, por que te demoraste hoje tanto! Já estávamos com cuidado e quando vocês entraram, já os meninos estavam promptos para ir pro-

cural-os. Laurita chorava reclamando pão. Foi esta a primeira vez que vi um filho meu chorar com fome, sem poder attendel-o; isto é horrivel.

—João, quando tiveres necessidade de demorar mais um pouco, manda na frente o Thomaz com as compras para eu dar logo a ceia aos meninos, pois não quero mais ouvir um filho chorar á falta de pão.

O João ouvia todo aquelle discurso calado. Era um homem, do qual ouvia-se muito pouco a sua voz. Sempre calado e era rarissimo o ver sorrir.

Desde que emigrara para esta terra, nunca tivera um dia de alegria, e se por acaso, algum dia estava satisfeito, jámais fôra notado. Era, finalmente, um homem impenetravel.

Quando sua mulher acabou de fallar, elle nada respondeu; continuou a jantar com o Thomaz, enquanto os outros ceiavam. Quando acabou de jantar, então, resolveu responder a sua mulher.

—Sim, Maria, começou elle, realmente hoje acconteceu demorar-me mais um pouco de que o costume; foi uma falta de minha parte. Vou, portanto, te contar o motivo: Estava eu fazendo as minhas compras quando vi entrar na mesma venda, onde me achava, um homem calçado de botas, e começou tambem a fazer umas comprar assim perto de mim, de repente ouvi elle dizer: Mas... isto é muito caro! Na minha terra, devia-se comprar mais caro do que aqui, no emtanto estou vendo que a cousa é melhor — compra-se tudo mais em conta. O caixeiro, então indagou de que logar era elle, a que elle respondeu: Sou de Buique,

—Acredita-me Maria, que, quando o homem acabou de pronunciar o nome dessa cidade, correu-me um calafrio em todo o corpo. Se eu tivesse azas naquelle momento teria dado um vôo até lá, ao menos para beijar aquella querida terra que jámais poderei esquecer. Levantei a cabeça e meus olhos encontraram-se com os desse homem. Cumprimentei-o e elle correspondeu-me cortezmente. Ahi não pude conter mais a minha curiosidade de indagar alguma cousa de Buique e abordei-o:

—Queira desculpar-me, meu amigo, mas o Snr. ainda mora em Buique?

—Sim, Snr., disse-me elle, cheguei hontem mesmo de lá e conto voltar amanhã.

—Diga-me uma cousa, o Snr. conhece naquelle municipio uma antiga fazenda por nome de Boa Esperança?

—Conheci muito. O seu dono era um tal João de Carvalho; na secca de 77 elle vendeu-a ao Guilherme Ferreira que não soube conserval-a.

—A casa? — Indaguei com uma afflicção horri-vel.

—A casa cahio; os cercados foram todos abaixo, finalmente, só quem é do logar sabe que alli, annos atraz, era uma fazenda.

—O Snr. pelo que vejo, conhece a minha terra!

—Sim, conheço muito, principalmente essa fazenda que o Snr. acabou de dizer-me só existir della pequenos vestigios.

Despedi-me daquelle homem e toquei ligeiro pr'a casa. Eis o motivo porque hoje demorei-me mais um pouco do que o costume.

A historia daquelle homem tirou-me as ultimas esperanças de voltar á nossa terra.

—João, disse sua mulher, queres que te falle com franqueza?

—Falla.

—Pois eu não queria mais voltar para o Buique. Estou muito satisfeita aqui e pretendo d'aqui não sair mais. Ou bem ou mal, vamos nos aguentando por cá mesmo. Já amo tanto esta cidade que choraria se tivesse de abandonal-a agora.

—Sim Maria, eu de uma hora pr'a cá, estou pensando da mesma maneira; já estivemos peor do que hoje, quando trabalhava sósinho para nos manter; hoje já tenho um filho que está me ajudando e mais tarde terei mais estes dois (apontando para Julião e Affonso).

—Sim papae, disse Julião, mais tarde não Snr., amanhã mesmo, pois estava esperando papae para pedir o vosso consentimento, a fim de amanhã procurar um emprego no commercio, visto ser a minha vocação. Conto mais de 13 annos de idade e acho que já é tempo de tratar de ajudal-o. O Affonso tambem quer procurar emprego, e se nós tivermos a felicidade de encontral-os, por muito pouco que nos paguem, dará para ajudal-o em alguma cousa.

—E' isso mesmo papae, disse o Affonso, precisamos cuidar da vida enquanto somos moços.

Amelia correu logo em soccorro dos dois dizendo:

—Eu penso da mesma maneira, papae, acho que o Snr. deve consentir. O homem deve sempre cuidar da vida o mais cêdo possivel para saber o quanto custa

o dinheiro que se ganha com o trabalho, afim de não esbanjal-o quando o tiver.

Julião ancioso pela resposta do pae, e vendo que elle não se dispunha a fallar, indagou:

—Então, papae! O que diz a respeito de nossa pretensão?

—A lingua do povo está sempre ao serviço da maledicencia; quando vir vocês empregados assim tão jovens, dirá: — Pae desnaturado! Pegou os pobres meninos e empregou-os para ganharem dinheiro para elle! Não seria melhor que o pae os deixasse na escola afim de apprenderem mais alguma cousa?

—E' isso mesmo, meus filhos, — que o povo dirá.

—Mas... papae, disse o Thomaz, se esperassemos só fazer as cousas quando o povo deixasse de fallar, poderíamos, então, ficar descansados que nada faríamos, pois não ha nada neste mundo que elle não ache motivo de bater com a lingua nos dentes.

Julião e Affonso agradeceram, com um olhar, ao irmão.

—Está bem, meus filhos, eu não me opporei a idéa de vocês. Já teem em vista alguma casa?

—Eu não tenho, disse Affonso.

—E você Julião?

—Eu tenho uma onde primeiro me dirigirei; é uma casa onde compro papel, penna e tinta, quando vou para a escola, pois acho que o seu dono é um bom homem — sympathiso muito com elle.

Conversaram ainda muito sobre o assumpto até que a d. Maria disse:

—Vamos dormir, que já é tarde.

Levantaram-se todos e cada um procurou sua cama. D'ahi a pouco todos dormiam tranquillamente.

Na manhã seguinte todos se levantaram cedo. Os rapazes pouco dormiram. Sonharam que haviam encontrado emprego naquelle dia e acordaram radiantes.

João e Thomaz foram para o trabalho. Julião e Affonso prepararam-se para sahir. Momentos depois sahiam os dois.

Quando chegaram ao centro da cidade, onde funciona todo o commercio e em cujo centro são realisadas, todos os sabbados, as feiras, pararam alli um pouco parecendo que estavam se orientando.

—Affonso! Queres ir commigo á casa que te falei hontem, ou queres ir a outra parte?

—Não Julião, irei contigo; agora, se nada arranjar por lá, então tomarei outro rumo.

Seguiram os dois e entraram no estabelecimento onde Julião depositava todas suas esperanças. Foram muito bem recebidos pelo respectivo commerciante.

Julião em poucas palavras expôz-lhe suas pretensões, as quaes já conhecemos.

O commerciante disse:

—Actualmente não tenho necessidade de empregados, porém se entrarmos em accôrdo o Snr. (apontando para o Julião) ficará.

Affonso ficou um pouco triste, por ter sido rejeitado, porém, como era muito amigo do irmão, aquella tristeza foi tão rapida como o raio.

—Quanto queres ganhar? perguntou o commerciante o Julião.

—Não sei, respondeu-lhe. E' a primeira vez que

vou ser empregado, mas o Snr. dará quanto entender.

—Está bem o Snr. fica e no fim do mez, conforme os seus serviços eu marcarei o ordenado. Serve assim?

—Sim, Snr., serve muito bem, pois não faço muita questão de ordenado, o meu maior desejo é trabalhar e me habilitar o mais depressa possível.

—Podes ficar. A casa abre-se ás 7 horas da manhã, dá duas aos empregados para as refeições, uma para o almoço e outra para o jantar, e fecha-se ás 8 horas da noite. Sim, uma cousa que já ia me esquecendo! O Snr. consultou com o seu pae a respeito do emprego?

—Sim, Snr., obtive hontem mesmo permissão para tal.

—Muito bem. Oh! Manoel! — este por quem elle chamava era um dos mais antigos empregados da casa.

—Prompto! Snr. Bernardo.

—Olha, este rapaz (apontando para Julião) de hoje em diante é empregado da casa. Ah! Sou realmente um homem esquecido! Parece que errei a profissão, pois um commerciante esquecido caminha para a falencia, como te chamas? Dirigindo-se para o seu novo empregado.

—Chamo-me Julião.

—Manoel! Leva o Snr. Julião para o balcão e transmite-lhe os teus ensinamentos.

—Affonso, disse o Julião para o irmão, diz á mãe que encontrei emprego e que a hora do almoço estarei por lá.

—Snr. Affonso, disse o commerciante, agora é impossível arranjar-lhe um emprego em minha casa, po-

rém, para o anno vindouro, se ainda não tiver arranjado collocação, é muito provavel que eu lhe admitta. Ainda é muito creança. Que idade tem?

—Já fiz 12, este mez.

—E o seu irmão?

—Anda no caminho dos 14.

—Pois bem, vou te dar um conselho, deixa-te ficar na escola este resto de anno, e para o outro apresenta-te a mim que eu farei todo o possivel para ficares em minha casa. Só não te aproveito agora, por que não tenho mesmo nenhum trabalho a mais que comporte empregados.

—Muito agradecido, se não encontrar, hoje, um emprego qualquer, tomarei o vosso conselho. Adeus, Snr. Bernardo. Fico com vossa palavra, no caso de nada arranjar.

—Adeus, póde contar commigo.

Affonso, percorreu todas as casas de negocio, mas ninguem precisava de empregados. Voltou a sua casa e contou á mãe o emprego do irmão, as promessas do commerciante e todos os passos que havia dado naquella manhã, sem resultado.

A mãe então perguntou se elle estava triste, ao que elle respondeu:

—Não mamãe, para o anno, tenho certeza que o Snr. Bernardo me arranja collocação.

O pae, á tardinha quando chegou do trabalho, ficou muito satisfeito com a collocação do filho.

Passaram-se assim 6 mezes.

Julião cada dia mais satisfeito com o emprego — possuia meio de vida.

As irmãs ainda mais satisfeitas, pois todos os me-

zes elle não se esquecia de trazer um presentinho para cada uma dellas.

O Affonso, durante estes 6 mezes, estudou com afinco, principalmente as materias que mais precisava para o commercio. Em Janeiro, conforme lhe promettera o Snr. Bernardo, apresentou-se e elle cumprio a promessa. Admittio-o.

Aquella familia que tem passado tantas privações, já está em melhores condições. Mudou-se para uma casa melhor e tem outro conforto.

* * *

Seis annos passaram-se depois dos factos que acabamos de narrar.

A familia João de Carvalho prospera sensivelmente. Todos os seus filhos estão homens e mulheres.

Julião e Affonso, já não são simples empregados, são interessados da casa e o patrão cada dia mais satisfeito com elles dois.

O Snr. Bernardo levou o Julião á capital do Estado e apresentou-o aos seus fornecedores, como um homem intelligente, activo e honesto, e que daquelle dia em diante era elle quem viria tratar de seus negocios.

Depois desta apresentação é sempre o Julião quem vae ao Recife fazer os pagamentos e as compras para o estabelecimento, demonstrandó sempre aos fornecedores a sua intelligencia e habilidade em negocios, o que tem contribuido grandemente para o progresso da casa.

Nunca, naquella cidade, se vio dois homens mais trabalhadores e activos.

Foi justamente por essa época que chegou á cidade de Garanhuns o Juiz de Direito e sua familia, conforme se vio no capitulo anterior.

Mario, o irmão do Juiz, era um moço sympathico e muito gentil; em poucos mezes de estadia naquella cidade conquistou a amizade de toda rapaziada do lugar, sendo seus melhores amigos os dois irmãos Julião e Affonso.

A politica do Estado obedecia a um unico chefe. Era elle quem fazia e desfazia no Estado; nomeava os seus governadores, diremos nomeava por que a eleição para este cargo era feita a bico de penna, e para não ser muito vergonhoso reuniam em cada secção eleitoral uma duzia de individuos para encherem as listas eleitoraes; era finalmente um simulacro de eleição.

Muito pouco se fallava no Governador, principalmente no interior. O irmão de Mario era o todo poderoso em todo municipio, tendo real prestigio perante aquelle *grande chefe* e graças a esta influencia politica foi o Mario nomeado professor publico da cidade.

*
* * *

Numa noite em que havia uma pequena reunião em casa de João de Carvalho, Mario fôra apresentado, por Julião, a toda sua familia. Nesse dia a reunião que sempre terminava ás 10 horas, prolongou-se até meia noite. Mario sympathisou muito com uma irmã do Julião — a Amelia, e durante essa noite tirou-a

diversas vezes para dansar; nascia no coração daquelles dois jovens o amor.

No domingo seguinte Mario não faltou a reunião da casa de Julião, e nesse dia desenvolveu sua actividade no sentido de angariar amizades na familia — conversava, ora com o velho, ora com a velha e as filhas, sempre alegre e cheio de espirito.

Quando acabou-se a reunião já contava, neste seu campo de lucta pelo amor, com diversos amigos. Sahio nesse dia da casa de Julião, radiante e já pensava num meio de ir no outro dia visitar os amigos.

Mas os apaixonados acham as cousas sempre faciles, por isso foi dormir convencido de que no outro dia arranjaría este meio.

Amanhecera o dia. Veio a noite e Mario dirigiu-se para os lados da casa de Julião; passou pela porta e não vio ninguem á janella, voltou — nada; fez mais umas 3 caminhadas colhendo ainda o mesmo resultado.

No outro dia e nos outros, deu o mesmo resultado; sempre os seus assaltos, porém a fortaleza mantinha-se inexpugnável.

Chegou finalmente o domingo. Pela manhã vestiu-se e foi a missa; lá encontrou a familia de Julião, porém a quem elle queria vêr, não estava. Era o cumulo do caiporismo! Procurou se aproximar do pessoal depois da missa, com o fim de saber porque Amelia não tinha ido.

Cumprimentou a todos alegremente e abordou o assumpto:

—D. Amelia não quiz vir hoje a missa!

—Não, Snr. Mario, disse a velha, ella queria vir,

porém como esta semana passou toda ella muito constipada eu não consenti que ella viesse.

Elle aproveitou a oportunidade e veio conversando até proximo á rua onde moravam, quando se despediu e ficou certo de á noitinha apparecer.

Amelia ficara em casa e esperava anciosa pela volta do pessoal, afim de saber se Mario tinha ido á missa. Quando o pessoal entrou, ella foi logo para o quarto com a irmã Margarida e indagou:

—O Mario foi? Perguntou por mim?

—Foi e perguntou por ti, disse Margarida, e veio conversando até a entrada da rua, ficando certo de vir á noitinha.

Amelia ficou contentissima com a noticia. Passou o dia inteiro indo ver as horas, parecendo-lhe que os ponteiros do relógio não andavam, tão vagarosa achava a sua marcha. Estava anciando pela noite. Emquanto muita gente daquella cidade, nesse dia, desejava que elle fosse o mais comprido possivel, ella pedia ao sol para desapparecer e para a noite se aproximar o mais rapido possivel. O mundo é assim mesmo.

O que se passava com Amelia repetia-se em Mario que, de vez em quando, puchava o relógio e dizia: Que dia comprido! Ainda são duas horas, quando julgava que fossem quatro! Nunca achei um dia tão custoso de findar!

—Porque estás achando hoje o dia tão comprido? Perguntou-lhe Anna, sua irmã.

—Porque a noitinha tenho que ir visitar uns amigos, disse elle.

—E esses amigos teem uma irmãsinha, não é?

—Não digo o contrario e já que puxastes o ne-

gocio para este terreno, devo dizer a vocês duas que tenciono casar-me.

—Apposto, disse Germana, que é com uma das irmãs do teu amigo Julião.

—Porque dizes isto?

—Ora, porque! Porque tu só fallas em sua familia. Toda conversa tua, de um certo tempo para cá, termina sempre com a familia de Julião. Por isto, bem vês que me foi facil adivinhar. Agora, confessa a verdade, é ou não é?

—E' verdade, é com uma irmã delle. — Germana, és muito intelligente e sagaz em conhecer os segredos do meu coração! Juraria que ninguem ainda tinha notado a minha paixão, mas enganei-me por completo.

—Como se chama? Perguntaram as duas.

—Amelia.

—E' bonita? Perguntou Germana.

—Como um anjo. Vocês poderiam ver logo que eu não iria procurar para esposa uma moça feia.

—Podemos ir hoje contigo para conhecermos a nossa futura cunhada?

—Não, hoje não, porém eu prometto levar vocês duas. Temos muito tempo e não é preciso tanta pressa. Ainda tenho minhas duvidas a respeito do casamento, pois até agora nada lhe fallei sobre o assumpto. Quem sabe se ella consentirá em ser minha esposa! Tenho certeza de que ella me estima muito, porém amor é cousa muito differente! Hoje é o dia em que se resolverá, visto estar resolvido abordar o caso e amanhã eu contarei a vocês o resultado de minha abordagem; se sahir-me bem, hoje mesmo pedirei per-

missão para apresental-as. Não me esquecerei do pedido.

—Bem, se sahires bem com o teu pedido, como eu estou certa que sim, disse Germana, domingo estaremos promptas, e vê lá se queres nos enganar!!...

—Dou minha palavra de honra que não tentarei enganar a vocês.

A noite estava elle em casa de Julião e tratou do assumpto no que foi muito bem succedido. Passou uma noite alegre e não se esqueceu do pedido das suas irmãs; pediu, ao retirar-se, permissão para no domingo seguinte apresental-as.

No proximo domingo apresentava elle suas irmãs, e cinco mezes depois realizava o seu idéal casando-se com a eleita de seu coração.



IV

Voltemos ao Brejão e vamos ver o que aconteceu com a familia Alves, condemnada pela politica do Dr. Luiz, conforme se vio pela carta que elle escrevera ao Amancio, sub-delegado de Brejão.

Depois do enterro do filho e do genro do Antonio Alves, todos voltaram a suas casas e ficou o caso como se não tivesse acontecido cousa alguma, pois não tinham para quem appellar, quando era o proprio Juiz de Direito e chefe da politica local quem ordenava semelhante massacre.

Quando a familia Antonio Alves chegou á casa, encontrou esta com a porta arrombada e todas as malas saqueadas. Pensaram logo em dar parte á autoridade, mas bem depressa desistiram do intento, pois sabiam muito de sobra que o Amancio não ligaria a menor importancia.

Ficaram calados e trataram de cuidar de sua lavoura.

*
* *
*

Seis mezes são decorridos depois daquelle duplo assassinato.

O sub-delegado não cessa de pensar em meios de exterminar a familia Alves, mas ella não lhe fornece uma entrada franca; é preciso inventar qualquer cousa por mais infame que seja, e já vimos que elle não

trepida, como não trepidou quando ordenou aquelles assassinatos; portanto, é necessario encontrar esse meio.

Sentado em frente a sua casa, numa cadeira de braços, descançando o queixo na palma da mão, idéa-lisa em sua corrompida mente um plano; mas, pelos seus gestos, vê-se logo que aquelle não é viavel, pois balança com a cabeça em signal de reprovação.

Quando já está ha bastante tempo nessa attitude, sem nada ter encontrado, eis que um tropel de cavallo que vem a solta, correndo de rua em fóra, o vem tirar de suas meditações.

Parecia que estava dormindo, tão preocupado se achava, pois quando o cavallo passa, elle se levanta como assustado, depois senta-se novamente e bate na testa dizendo:

—Achei! E' isto mesmo! Dá muito bom resultado!

Se alguém passasse, naquella occasião, por alli, julgaria que esse homem estava louco ou em caminho muito proximo, no que se enganaria por completo, como vamos ver, dizendo qual foi a razão daquellas demonstrações de alegria.

Os corações perversos sentem-se alegres quando encontram um meio de fazer algum mal.

Era por isso que o Amancio estava alegre. Tinha descoberto, ou por outra, concebera um plano de ataque contra a familia Alves.

No outro dia, montou a cavallo e tocou para Garanhuns. Ahi chegando, foi logo á casa do seu amigo o Dr. Luiz.

Depois dos cumprimentos, o Dr. Luiz indagou:

—Então, como vae a familia Alves?

—Vae regularmente e é por ella mesmo que vim hoje por aqui.

—De que se trata? Algum plano?

—Excellent. Conto com bom exito.

—Explica-me isto.

—O meu plano depende de um homem dedicado e que seja completamente desconhecido no Brejão. Encontrado esse homem, arranja-se um cavallo para que elle leve uma carga de bolachas, afim de vendel-as por lá. A' tarde, elle amarra o cavallo, para que todos os moradores do povoado vejam, num campo proximo. Pela madrugada levanta-se, monta a cavallo e vae para os lados da casa de Antonio Alves e, uma vez lá chegando, só tem a fazer uma cousa: abrir a porteira e soltar o animal. Pela manhã, o cavallo, não está mais no lugar onde fôra amarrado na vespera; então, o seu dono tambem só tem um meio de rehavel-o; é procurar o sub-delegado e dar parte do acontecimento, e este por sua vez, como uma bôa autoridade, trata logo de fazer uma diligencia. Sabe-se muito bem para onde elle se dirigirá logo; uma vez encontrado o cavallo num cercado qualquer, o dono desse cercado será immediatamente preso e dias depois processado, irá a Jury, o qual infalivelmente o condemnará.

—Muito bem! disse D. Josepha entrando na sala, e que ouvira todo plano do Amancio por traz da porta de um quarto contiguo. O seu plano é maravilhoso! Foi muito bem concebido e produzirá um effeito admiravel! Pois o Snr. ainda será, depois de tudo isto, elogiado, por todos, pela dedicação á causa publica.

—A Snra., ouviu?

—Ouvi tudo.

—Donde?

—D'alli (apontando para o quarto).

—A difficuldade está em se encontrar esse homem de quem você necessita, disse o Juiz.

—E' facil, disse D. Josepha, eu me encarrego dessa parte do programma.

—Pois então está tudo combinado, eu volto para o Brejão e fico esperando pelo homem vendedor de bolachas; porém, acho conveniente que seja o mais breve possivel, uma demora qualquer, muitas vezes prejudica planos sublimes. Se o negocio fôr arranjado para amanhã ou depois ainda será melhor.

—Não ha duvida, disse D. Josepha, hoje mesmo vou mandar chamar o homem a quem irei confiar a missão. E' um camarada decidido, por isto estou certa que elle desempenha com perfeição o seu papel.

—Quem será esse em quem depositas tanta confiança e que eu não o conheço?

—Então não sabes quem poderá ser?

—Não, por mais que procure não encontro um homem capaz de desempenhar uma missão desta natureza; só se estás pensando em mandar o Gregorio! Mas este não serve, é muito conhecido, tanto aqui como lá.

—Não! disse o Amancio, esse não serve de modo algum. O Gregorio vendedor de bolachas! De modo algum.

—Mas..., disse D. Josepha, eu parece que não falei aqui no Gregorio.

—Quem é então? Falla logo! disse o juiz.

—E' o Pedro da Costa... dá ou não dá pr'a cousa?

—E'... está bom, disse o Amancio.

—Eu tambem acho.

O Amancio passou o resto do dia em casa do Juiz, onde jantou.

A tardinha montou a cavallo, despediu-se de todos e partiu. Ainda não tinha dado dez passos ouvio o Dr. gritar-lhe:

—Espera ahi Amancio! Elle parou o cavallo e ia voltando quando elle aproximou-se; chegando bem pr'a perto, disse-lhe baixinho:

—Não tenho muita confiança no homem que Josepha vae arranjar, portanto, quando elle pretender voltar, manda-lhe um rapaz de tua confiança assistir a sua passagem pela matta, assim ficará a cousa melhor.

—Está bem Dr., assim se fará. Adeus.

—Adeus, Amancio.

Elle partio.

* * *

D. Josepha chamou o preto Gregorio e disse-lhe:

—Procura o Pedro da Costa e diz-lhe que eu preciso d'elle para fazer uma viagem, e que elle venha logo se entender commigo.

—Vou já procural-o, disse o preto, e sahio.

Quinze minutos depois, voltava elle acompanhado pelo Pedro da Costa.

—Aqui está o homem, D. Josepha, que a Snra. mandou chamar.

—Pedro, disse ella, mandei te chamar para fazeres uma viagem, queres ir?

—Com muito prazer, D. Josepha.

—E' para o Brejão! Ainda queres ir?

—O logar é perigoso, respondeu o Pedro, porém eu vou.

—Conheces um logar perto de Brejão, onde mora um individuo de nome Antonio Alves?

—Conheço, sim, Snra.

—Muito bem, agora vou te expôr o que tens a fazer.

E transmittio-lhe todo papel que elle deveria representar, de accôrdo com o plano traçado pelo Amancio.

—Amanhã mesmo estarei no Brejão, disse o Pedro.

—Espera ahi um pouco que eu vou buscar o dinheiro para tua viagem e para a compra da carga.

Foi ao seu quarto e voltou com o dinheiro dizendo-lhe:

—Toma, o resto que sobrar é teu.

—Muito obrigado, D. Josepha, disse o Pedro guardando o dinheiro, vou agora mesmo á padaria comprar as bolachas.

—Bem, pódes ir. Quero que amanhã estejas lá.

—Sim, Snra.

Pedro sahio.

* * *

A's duas da tarde do dia seguinte, chegava o Pedro da Costa a Brejão e desempenhava com perfeição, nesta vil comedia, o seu papel.

O sub-delegado, avisado por Pedro, do furto do

cavallo, mandou chamar o commandante do destacamento com duas praças e seguiram em diligencia.

O Antonio Alves pela manhã desse dia, encontrara um cavallo no seu cercado; pegou-o e levou para porta de casa.

Preparou-se e disse a sua mulher:

—Eu vou levar este cavallo ao Brejão. Póde ser que o dono delle ande por ahi á sua procura e alli é mais facil encontral-o.

Assim fez. Sahio a pé puxando o cavallo. Não tinha andado 500 metros quando encontrou-se com o sub-delegado e as praças.

Encontro desagradavel!

Foi logo cercado pelas praças e o sub-delegado disse-lhe:

—Você está preso.

—Soldados! Amarrem este homem!

—Mas... Snr. delegado, disse o Alves, porque me prende? Que crime commetti eu?

O sub-delegado soltou uma gargalhada e disse:

—Olha Diogo! Que homem innocente! Isto é realmente engraçado! E soltou nova gargalhada.

O pobre homem estava atordoado, não sabia a que attribuir esta prisão.

--Vamos soldados! Conduzam o preso! Commandou novamente o sub-delegado.

O Antonio Alves mais morto do que vivo, disse-lhe:

—Snr. Amancio! Pelo amor de sua esposa e filhos, diga-me ao menos por que estou preso?

—Você ainda pergunta! Homem sem brio! Furtar, então, um cavallo, não é motivo de prisão!

Ahi o infeliz conheceu d'onde provinha a prisão;

ficou branco como a cêra e cahio aos pés daquella fera humana implorando:

—Snr. Amancio! Juro por tudo quanto é sagrado que este cavallo, eu encontrei-o hoje, pela manhã, no meu cercado e vinha trazendo-o para o povoado, pois assim seria mais facil encontrar o seu dono.

—Deixe de conversas homem, confesse logo o seu crime e deixemos de lamurias.

O desgraçado não sabia mais que meios empregar para convencel-o de que não era o ladrão do cavallo.

A fera não accitava justificativas e por fim disse:

—Ladrão é todo aquelle que se pega com o furto na mão. Soldados! Nada mais de conversa, conduzam o preso!

E o homem teve que seguir preso.

Entrou no povoado todo amarrado e foi logo recolhido a casa destinada á prisão.

* * *

A mulher desse infeliz homem passou o dia numa afflicção horrivel. O seu marido não chegava e já eram 4 horas da tarde. Por fim chamou a filha e foram para o Brejão saber o que era feito d'elle.

Quando lá chegaram tiveram a desagradavel noticia. Dirigiram-se para a casa do sub-delegado. Imploraram, rogaram de joelhos ao chão, tanto a elle como a sua mulher, para soltar o marido. Mas o homem tinha um coração de ferro, nunca se commovia.

—Seu marido não pode ser solto, minha senhora, elle foi preso com o furto na mão, portanto, ninguem

tem poderes para o soltar, só o Jury, quando elle fôr a julgamento, o poderá absolver. Ninguem mais.

Todos os rogos daquella esposa foram infructiferos. Voltou para casa com a morte n'alma.

* * *

Pela manhã do dia seguinte seguia, pela estrada que conduz a Garanhus, um homem com um embrulho na mão e armado com um facão e uma garrucha.

Quando chegou á matta entrou. Puxou do facão e cortou um páo, em seguida tirou do embrulho uma enxada e encabou-a. Feito isto, sentou-se por traz de uma grossa arvore e esperou.

Seria algum caçador de tatús? Não, pois não tinha levado cão. Quem seria aquelle homem, e o que esperava alli, com aquella enxada, nesta matta?

E' o que vamos vêr d'aqui a pouco.

Duas horas passaram-se e o homem não se levanta do logar. A sua attenção só está voltada para um ponto, e este ponto é a estrada.

De repente ouve-se um tropel. O homem levanta-se ligeiro, puxa a garrucha engatilhada e espera. Aproxima-se. Era o Antonio Alves que passava preso, conduzido por duas praças, e que ia á cidade p'fim de ser recolhido á cadeia dalli.

Não era quem elle esperava, pois voltou á mesma posição.

Momentos depois, novo tropel. O homem levanta-se e executa a mesma manobra.

Um instante apenas e apparece a figura de Pedro da Costa.

Vem despreoccupado. A sua physionomia é serena, o seu espirito tranquillo, nem ao menos apresenta uma nuvem de tristeza, lembrando-se daquelle seu vil papel, com o qual desgraçou uma pobre familia.

Um tiro echoou pela matta a dentro e Pedro da Costa cahio por terra.

O homem sahe da matta, cautelosamente, puxa do facão e pula na estrada esperando pela lucta, mas o Pedro não se move. Elle aproxima-se e o homem continua na mesma posição; chegou mais pr'a junto; nada; então, elle poz-lhe a mão em cima: estava morto.

A bala atravessara-lhe o coração. Verificado isto, segurou o cadaver por uma perna e sahio arrastando-o pela matta a dentro. A uma distancia de 50 metros parou. Está cançado, pois o suor corre-lhe da testa em bica. Deixou alli o cadaver e foi buscar a enxada. Chegando ao ponto onde estivera, pegou da enxada, e, em vez de voltar ao cadaver, foi novamente para a estrada.

O cavallo havia desaparecido e elle com a enxada desmanchou todos os vestigios daquelle assassinato, taerfa que foi rapida; em seguida voltou ao cadaver cavou uma cova regular e enterrou-o.

Acabado este serviço, desencabou a enxada, embrulhou-a novamente e seguiu para o Brejão, naturalmente, como se nada de anormal houvesse acontecido.

Quatro mezes depois destes factos, a mulher do Antonio Alves vendia o resto de tudo quanto possuia, para pagar ao advogado que ia fazer a defesa do seu marido.

A desgraça pairou sobre aquelle tecto até a sua liquidação final.

A unica esperanza daquella esposa consistia na liberdade de seu marido e depois fugir. Fugir para muito longe, onde não ouvisse mais fallar nesta maldita terra; terra onde haviam-lhe roubado as vidas do filho, do genro e a liberdade do esposo.

Pegou do dinheiro e seguiu para Garanhuns acompanhada da filha.

—Minha filha, dizia ella para a filha quando vinham marchando a pé pela estrada em fóra, amanhã tudo se resolverá, ou teu pae será posto em liberdade e nós, amanhã mesmo, partiremos, ou então está tudo acabado, pois eu não resistirei mais a tanta desgraça.

—Tenha paciencia mamãe, Deus é grande e misericordioso e não deixará que se condemne um innocente.

—Acredita-me, minha filha, não tenho muita fé no advogado.

—Qual nada, mamãe! Elle fará tudo o que estiver ao seu alcance para ver papae em liberdade.

—E os jurados! Todos sabem que teu pae nunca votou com o Dr. Luiz e todos elles para serem agradaveis, ou por outra, com mêdo de cahirem no seu desagrado, votarão pela condemnação.

Mil vezes a morte do que viver debaixo de um jugo destes, onde nem se quer póde-se confiar nas consciencias dos homens!

—Deus consente mas não para sempre, disse a filha, ha de chegar o dia em que a justiça lhes baterá tambem á porta, e ali não se tratará mais de innocentes, mas sim de criminosos. Chorarão e derramarão lagrimas de sangue sem ter quem os console; fugirão delles como de serpentes venenosas; gritarão por soccorro e ninguem ouvirá; implorarão misericordia e rir-se-ão delles; assim é que se acabarão todas essas feras humanas.

—E' mesmo, minha filha.

Conversaram ainda muito sobre o mesmo assumpto até á cidade.

Quando chegaram foram logo visitar o preso.

Elle estava pallido, porém resignado e cheio de esperanças. Amanhã, dizia elle para sua mulher, se-rei posto em liberdade, pois não é possivel que se condemne um homem innocente.

—E' mesmo, Antonio. E' o cumulo da perseguição! disse a esposa.

—Maria! Trouxeste o dinheiro para o advogado?

—Sim, trouxe. Vendi o resto de tudo que ainda nos restava e apurei o dinheiro que mandaste pedir.

—Então, vae logo levar-lhe o dinheiro.

—Já vou, Antonio. Queres mandar-lhe dizer alguma cousa?

—Não.

—Até amanhã, Antonio.

—Até amanhã.

Sahiram as duas e d'ahi a pouco estavam na presença do advogado. Este era um homem de estatura normal, moreno e usava barba andó. Não era formado, mas era bastante traqueijado no assumpto de

sua profissão. A esposa do Alves, entregou-lhe o dinheiro.

—O Snr. que acha, meu marido será absolvido?

—Não posso afiançar, minha Snra. porque complicaram muito o processo do seu marido, porém farei todo o possível. Estou convencido de que elle é innocente, e pelo processo se vê logo isto claro como a agua. Portanto a minha opinião é que elle será absolvido.

—Deus queira, disse ella.

Despediu-se do advogado e sahio mais esperancosa. No dia seguinte, ás dez horas da manhã, quem passasse em frente ao Paço Municipal, ouviria o badalar de uma grande sineta, agitada pelo braço possante do official de justiça, annunciando o julgamento do réo Antonio Alves.

A's 11 horas já estava o Paço cheio de jurados e espectadores.

Num estrado encostado a parede está uma mesa com uma cadeira de frente para o salão, é a cadeira do Juiz de Direito, Presidente do Tribunal do Jury; em frente a esta mesa está uma outra de maiores dimensões ladeada de cadeiras, tendo um grosso livro em cima, é a mesa dos jurados; em frente desta está uma outra menor com uma cadeira de frente para a do Presidente, é a do advogado da defesa; por traz desta está um banco, é o do réo; nos cantos do salão estão duas mesas com cadeiras, aos lados do Presidente, a da esquerda é do escrivão e a da direita do Promotor Publico.

Começou a sessão logo depois da entrada do réo. Este entrou triste, de cabeça baixa, acompanhado por

duas praças de policia; logo que elle sentou-se em seu infamante banco, os policiaes calaram baioneta e collocaram-se em pé ao seu lado.

Foi feita a chamada dos jurados e muitos foram recusados, tanto pela accusação, como pela defesa, afinal ficou completo o numero.

Foram lidos os autos pelo escrivão e depois levados ao Promotor. Este pegou naquella papelada, leu alguns trechos e desenvolveu a sua accusação; accusação esta que foi tenebrosa contra o Alves.

Num canto do salão duas mulheres choram... são a mulher e a filha do réo.

O Promotor passou 1 hora na occusação e terminou pedindo a condemnação maxima para o réo.

Os autos passaram para as mãos do advogado. Este não possuia o dom oratorio do Promotor, porém fez uma bella defesa. Acabou-a, afinal, pedindo a absolvição do accusado; appellando para as consciencias dos jurados para não condemnarem um innocente; mostrou a mulher e a filha que choravam num canto e que ficariam no mundo sosinhas e abandonadas se o réo não fosse absolvido. Demonstra clara e insofismavelmente a innocencia do réo, pedindo por isto a sua absolvição.

Sentou-se, estava cansado.

Os jurados recolheram-se á sala secreta.

Todos os assistentes desejam de coração a sua absolvição e suspiram pelo momento da sentença.

Uns 30 minutos depois a sala abriu-se e sahiram os jurados. O Juiz julgou os quesitos e proclamou a condemnação do réo á pena maxima: 30 annos de prisão!

O advogado pediu a palavra e appellou para novo julgamento.

Estava terminada a sessão.

E assim foi consumado o plano do Amancio e apoiado por um Juiz de Direito!!



A situação dos habitantes do municipio de Garanhuns é horrivel.

De todas aquellas redondezas chegam noticias alarmantes de assassinatos, espancamentos e furtos.

O pobre não tem mais direito a andar a cavallo, pois se vem montado, tem que voltar a pé, seu cavallo é furtado dentro da propria cidade, e, muitas vezes, a victima o vê passar, no meio de bandos que passam para os lados do Sul, sem poder nem ao menos reclamar, porque sabe muito bem d'onde vem o golpe.

Raro é o dia em que não entram, na cidade, duas e tres rêdes conduzindo homens assassinados.

Nas feiras, por qualquer uma asneira um homem segue para a cadeia, debaixo de espadeiradas dadas pelos policiaes.

Não ha garantia para a propriedade de ninguem. Dezenas e dezenas de propriedades já foram, pelos seus donos, abandonadas; os cercados dessas propriedades, producto de enorme trabalho, são queimados sem o menor escrupulo.

As perseguições não cessam e cada dia que se passa ainda crescem mais.

No districto de Brejão é uma cousa barbara. A familia Alves está sendo liquidada. A do Antonio Alves, como já vimos, foi reduzida e a dos seus paren-

tes também estão sendo: dormem, para d'ahi a pouco accordarem, afim de serem roubados e depois assassinados. E' inacreditavel, porém é uma realidade.

* * *

Nos mezes de Junho e Julho, é a época de semear feijão nas mattas.

O seu processo é muito simples, bastando, simplesmente, atiral-o ao matto, depois roçar esse matto sobre elle, e, feito isto, não dependerá de mais nada do homem para o seu desenvolvimento até a sua colheita.

Os habitantes do *agreste*, nessa época, procuram seus conhecidos das mattas e delles conseguem sempre um pequeno terreno para aquelle fim.

Um pobre homem conhecido de um dos membros da familia Alves, conseguira deste uma faixa de terreno. Veio com sua mulher e hospedou-se em casa desse seu amigo, onde esteve uma semana até quando acabou de semear o feijão; depois voltou para o *agreste* e esperou a época da colheita.

Tres mezes depois, voltou elle com sua mulher para colher o feijão. Hospedou-se novamente na casa do amigo, e este passou o dia contando-lhe o que estava se dando com a sua familia.

—E porque não vendes tudo que tens e abandonas isto aqui? perguntou-lhe David, seu hospede.

—Porque, meu amigo, não acho quem queira comprar minha propriedade; abandonal-a é um crime, não vêes como o cafezal está lindo!

—Realmente, Manoel, o teu cafezal é o mais lindo que tenho visto por toda esta redondeza.

—Mas devemos ver que nossas vidas estão acima de tudo não achas?

—Eu penso da mesma fôrma, porém não posso abandonar isto que vês, producto de 15 annos de trabalho!

—Diz-me uma cousa, eu por aqui estarei tambem ameaçado?

—Creio que não, pois a intriga e as maiores perseguições são desenvolvidas sobre nossa familia, e tu sendo somente meu hospede, penso que nada te poderá acontecer.

—Eu sou de tua opinião.

A mulher do David o veio chamar e afastaram-se os dois.

—David! disse ella, eu quero ir embora hoje mesmo, não quero ficar aqui esta noite. Tenho medo!

—Medo de que mulher?

—Sim, tenho medo, pois a mulher do Snr. Manoel contou-me cousas horriveis que se teem passado com a familia do marido. Muitos anoitecem e não amanhecem. Vamos embora para que não nos aconteça o mesmo.

—Não, mulher, temos que passar aqui mais uns tres dias, para colhermos o nosso feijão. Nada nos acontecerá, bem sabes que não temos nada que vêr com as intrigas alheias. Daqui a tres dias, no mais tardar, partiremos.

—David! Meu coração diz que não devemos mais ficar esta noite aqui! Olha bem o que vaes fazer!

Nós, nesta casa, como amigos do Snr. Manoel, correremos os mesmos perigos.

—Não o creio (elle dizia isto para incutir animo á sua mulher, porque estava com os mesmos receios).

Voltaram á casa resolvidos a ficar.

A tarde desaparecia, e a noite estendia o seu manto negro sobre a terra.

A's 8 horas sahia a lua clareando aquellas campinas, pouco antes envolvidas pelas trevas.

Que bonita noite! Mas tão clara era a noite quão negros eram os acontecimentos premeditados!

Todos já haviam se deitado e dormiam tranquillamente, com excepção da mulher de David; a esta, por mais que tentasse conciliar o somno, era impossivel dormir; sentia uma qualquer cousa no coração que não podia explicar: estava afflicta. Orava a Deus para que os protegesse. Por diversas vezes sentou-se na cama e implorou a sua protecção.

Dormio e d'ahi a pouco accordou sobresaltada: sonhara que vinham muitos homens armados e que pegavam o seu esposo e o assassinavam.

A' meia noite bateram á porta. O Snr. Manoel levantou-se e foi saber quem era.

Bateram novamente e uma voz declarou:

—Abram a porta, senão arrombamos.

A mulher de David, ouvira a ameaça. Accordou o marido e disse-lhe:

—Estão batendo na porta e já disseram «que se não abrissem, arrombariam-n'a»; portanto, não temos mais que esperar, vamos fugir pela porta dos fundos.

—E' mesmo, disse o marido levantando-se, vamos depressa.

Sahiram os dois nas pontas dos pés; quando chegaram á cosinha, abriram o ferrolho devagarinho e saltaram no terreiro.

O primeiro que pulou foi o homem e foi logo seguro, pois a casa estava cercada por uns dez homens, por todos os lados.

Quando o David foi seguro, os outros penetraram na casa, seguraram o Manoel e deram o saque.

Acabada a vil tarefa, pegaram no dono da casa e no seu hospede e amarraram os dois, um ao outro pelos pescoços.

Quadro difficil de se descrever, este em que as duas mulheres abraçadas aos maridos choram e pedem áquelles cannibae as suas liberdades!

A mulher de David ,dizia que não era do lugar; que tinha chegado no dia anterior, e que viera com o marido colher um feijão que haviam semeado.

Os homens por sua vez tambem pediam, mas todos aquelles pedidos, para essa qualidade de gente, não tinha valor algum.

—Vamos embora! Gritou um delles que parece o chefe do bando.

Immediatamente puzeram-se todos a caminho.

As mulheres acompanharam aquelle bando chorando. Quando já haviam andado uns dois kilometros, o chefe do bando ordenou que parassem. Então, esse chefe diz para os companheiros:

—Bem, camaradas! Vou dar um espectaculo em homenagem a vocês! Cada um tome o seu lugar!

A manobra foi rapida: puxaram os dois homens amarrados para o centro do terreno e fizeram um

quadrado ao redor delles, em seguida sentaram-se, deixando-os em pé.

O chefe tira o paletot, arregança as mangas da camisa, puxa do punhal e cahe na arena.

—Vae começar a primeira parte do programma! —diz elle—Põe a mão sobre a cabeça de um dos prisioneiros e empurra-a para traz, em seguida enterra-lhe o punhal na garganta.

O homem soltou um grito rouco e pôz-se a pular e como estava seguro ao outro companheiro de infortunio, pelo pescoço, não havia meio de cahir. O seu companheiro já estava lavado em sangue.

Quando aquelle já ia enfraquecendo o chefe gritou novamente:

—2.^a parte do programma!

E sangrou o outro.

Ahi foi uma scena horrivel que se passou e que a penna jámais poderá descrever!

Aquelles dois homens, assim sangrados, pulando no meio daquelles cannibaes, lavando-se mutuamente em seus sangues!

Cahiram mortos.

O chefe, então, disse-lhes:

—Está terminado o espectáculo.

Todos já bastante alcoolizados, soltaram gargalhadas que echoavam pela matta a dentro como uivos de lobos.

Levantaram-se todos e sahiram estrada em fóra cantando e satisfeitos com a scena empolgante que acabavam de assistir.

As mulheres aproximaram-se dos cadaveres, chorando e puzeram as cabeças de seus esposos no colo

e alli ficaram o resto da noite naquella matta, até que veio a manhã e os transeuntes providenciaram sobre os seus enterros.

*

* *

E' inacreditavel que tenham se passado factos como estes que acabamos de narrar, porém é uma realidade.

Aquelles monstros já estavam tão habituados ao assassinio que praticavam-n'o com deleite; sentiam prazer na quéda de um corpo atravessado por uma bala ou uma punhalada, como o caçador o sente quando vê a caça cahir attingida por um certo tiro.

A falta de educação moral, naquella zona, é um facto, e é o que tem contribuido grandemente para esta degeneração. Homens creados alli e desde creanças conduzindo pesadas armas, com o consentimento dos paes, e por qualquer uma asneira fazerem uso dellas, é o que se vê em todo o districto de Brejão.

De volta de uma dessas excursões, vinha um dia um grupo de cangaceiros, o mesmo que assistira áquelle espectáculo, conversando alegremente pela estrada, quando avistaram um homem que ia a uns 500 metros de distancia. A conversa versava sobre um assumpto importante para elles, e consistia em nunca terem perdido um tiro em uma creatura.

— José, disse um delles para o outro, tu que tens tanta fama de atirador e és tão palrador, serias capaz de attingir um homem numa distancia como esta em que vae aquelle homem?

—Como não! Com esta distancia seria capaz de atirar de olhos fechados.

—Duvido! Gritou um outro. Vamos fazer um alvo com esta distancia, e se não acertares, então, pagarás duas garrafas de aguardente!

—Acceito a apposta! disse elle e foi descendo a arma do hombro e apontando-a para o homem que ia na estrada.

—Que vaes fazer? perguntou um companheiro.

—Estou calculando a distancia.

De repente, com surpresa geral, a arma disparou e o homem cahio.

—Ganhei a apposta! gritou elle.

—Miseravel! gritou um outro.

—Quem foi ahi que chamou-me de miseravel?

Um moço alto e robusto avançou, sahindo do meio dos companheiros, e disse

—Foi eu quem gritou e accrescento, *Bandido!* Que mal te fez aquelle homem que nem ao menos conheces, nem sabias de onde era!

—Está bem, rapaz, não perdes por esperar, havemos de nos encontrar em outra occasião.

—Agora mesmo se quizeres, tu julgas então que tenho medo de tuas prosas! Tu és bandido, porém coragem não tens.

—Hoje não, porém outra vez veremos Deus por quem é.

—Acabemos com isto, disse o chefe, estas discussões entre companheiros não são boas.

Aquelle rapaz tinha entrado para o grupo poucos dias antes, e, para felicidade sua, tinha que abandonar-o, pois quando se alistou alli, fôra pensando no

combate, na lucta, onde se corre perigo de parte a parte e não para matar creaturas indefesas como a que acabava de assistir.

Este por felicidade ainda não estava com a alma corrompida, como as de seus companheiros.

Pela madrugada desse mesmo dia fugio sem ninguém presentir.

Fugio porque estava convencido que, no dia em que se descuidasse, morreria traiçoeiramente apunhalado por aquelle bandido cobarde.

Na manhã seguinte quando accordaram já o seu novel companheiro havia desaparecido.



VI

O trabalho, a força de vontade e a tenacidade, predicados estes, aliados á honestidade e a um character elevado, teem para o homem um effeito igual ao da electricidade: o seu progresso, tanto moral como material é rapido.

Bem vimol-o nos irmãos Julião e Affonso.

Estes dois moços, pobres e filhos de paes tambem pobres, mas, possuindo estes predicados, estão se elevando com uma rapidez assombrosa, e irão muito longe, se continuarem com o mesmo afan pelo trabalho.

O Snr. Bernardo, patrão delles, não cessa de elogial-os, e, realmente, elles merecem.

De simples empregados passaram, como já vimos atraz, a interessados da casa.

Do dinheiro que elles ganham, tirado o necessario para auxiliar aos seus paes, e o estrictamente sufficiente para andarem com uma certa decencia, o restante não gastam elles com pandegas, como fazem outros rapazes, deixam depositado na casa, onde estão empregados.

Gosam de uma reputação e consideração de todos os habitantes do municipio, que é invejada pela maioria de seus collegas empregados no commercio.

Emquanto elles dois progridem e se elevam, o seu irmão mais velho que, no começo desta narração, era

um rapaz trabalhador e morigerado, torna-se vadio, graças aos seus máus camaradas.

O seu pae não se cança de chamal-o ao bom caminho, mostrando-lhe um bonito exemplo dos dois irmãos mais moços, porém em vão, elle só attende aos seus camaradas de pandega.

Em quasi todas as familias acontece sempre isto: enquanto todos se elevam, apparece um que não quer, por mais que se force.

Na familia de João de Carvalho era Thomaz o que se tinha desviado.

A principio, todos lhe davam conselhos, depois foram se aborrecendo e em vez de conselhos, eram severas reprehensões; até que um dia elle mudou-se da casa dos paes.

Desde esse dia começou para elle uma vida desordenada.

*

* *

Passados 4 annos depois da narração destes factos vamos encontrar a familia do João de Carvalho completamente transformada; não é mais aquella humilde familia que vivia naquelle casebre onde, 10 annos atraz, encontramol-a.

Agora tudo mudou, são todos ricos, com excepção do Thomaz que continua pobre como dantes.

Numa bonita praça, composta de lindas casas, todas edificadas por elles, moram as familias de Mario, João de Carvalho, Venancio Silva, que, ha poucos annos, casara com a irmã do Mario, e a outra irmã solteira.

Julião casou e mora muito proximo dessa praça. Mario é um alto personagem, foi eleito deputado estadual, graças á força politica do irmão, que domina o municipio, e de uma fórma tal que alli não se afasta uma só palha sem seu previo consentimento.

O velho João foi nomeado para um emprego publico. Não tendo, finalmente, nas familias Albuquerque e Carvalho, quem não esteja bem collocado, ainda uma vez, com excepção de Thomaz, este não é conhecido no alto meio social em que actualmente convivem os de sua familia.

Vive com uma mulher numa casinha afastada, sem nenhum conforto, e muitos dos habitantes da cidade quando dizem aos outros mais novos no logar, que elle é irmão de Julião e de Affonso e é, portanto, cunhado de Mario, ninguem acredita.

Os irmãos Julião e Affonso, continuam com o mesmo ardor pelo trabalho e já teem na casa commercial, depositada quantia que daria para elles estabelecerem se porém não querem por causa do Sr. Bernardo, homem que deposita nelles uma confiança illimitada.

—Julião! disse-lhe um dia Affonso, nós já temos dinheiro para nos estabelecer. E se nós arranjassemos com esse dinheiro, abrir uma casa por nossa conta, teriamos maiores lucros, não achas?

—Sim, Affonso, o nosso dinheiro dá para tal, porém, não podemos deixar a casa de nosso bemfeitor.

—Mas, Julião, eu fallo no caso delle estar de accôrdo com o nosso plano; nunca me passou pela mente, abandonal-o sem ser com o seu previo consentimento. Bem sabes que não sou ingrato.

—Eu tambem não disse que querias abandonal-o,

mas sim que não devemos fallar-lhe em tal assumpto, pois, como sabes, elle não nos negaria cousa alguma; portanto, quando fallassemos a respeito, elle achava muito bem, porém, no seu intimo acharia uma ingratição.

—E' isso mesmo, Julião, tens toda razão; não fallemos mais sobre este assumpto.

—Não fiques triste com o que te disse, Affonso, a tua idéa é bôa, porém, tratando-se de uma outra pessoa que não seja o Snr. Bernardo; com este ficaremos toda vida como empregados, se elle assim entender, o que não creio.

Emquanto os dois irmãos conversavam sobre este assumpto, o Bernardo conversava, tambem, com sua mulher a esse respeito:

—Julia, dizia elle, amanhã vou offerecer sociedade ao Julião, elle já tem depositado em minha casa capital sufficiente.

—Bernardo! Tens tanta confiança assim, neste rapaz, que já o queres convidar para socio?

—Tenho e illimitada, nelle e no seu irmão. São dois rapazes que me merecem toda confiança em tudo. Quando um dos dois está tratando com um freguez, um negocio qualquer e este appella para mim, eu só faço dizer-lhe: elle conhece mais este negocio do que eu, e vou sahindo. O negocio é feito e com muito bom resultado para a casa.

—E' mesmo, Bernardo, estes dois rapazes são de uma actividade incalculavel. Depois que elles entraram para tua casa, ella tem progredido consideravelmente, é justo portanto que faças alguma cousa por elles, e mesmo, elles não quererão ficar toda vida como em-

pregados, quando já possuem o necessario para abrir tambem um estabelecimento.

—Quanto a isto, Julia, eu te garanto, elles por mais vontade que tenham, nunca me proporão sahir de minha casa. A gratidão para elles é um caso de honra. Estou certo disto.

No outro dia, pela manhã, elle mandou chamar a sua casa, o Julião. Este logo que recebeu o recado veio attendel-o.

—Mandei te chamar, Julião, para um negocio serio.

—Estou ás suas ordens, Snr. Bernardo. O Snr. bem sabe que tenho sempre bôa vontade quando se trata de negocio commercial; commercial somente, pois se o Snr. me tratasse de negocios politicos eu lhe diria logo que não contasse commigo para cousa — não dou, e mesmo não quero dar, para politica; o meu cunhado por diversas vezes tem me convidado para exercer cargos politicos, mas eu nunca os quiz acceitar de fórmula alguma. Uma vez elle insistio tanto que me vi obrigado a dizer-lhe francamente que odeava, mas com odio rancoroso, a tudo quanto fosse politico; ao que elle retorquiu: então me odeias tambem? Não a ti, respondi-lhe, tratando-se do Mario, mas do deputado Mario, sim.

Elle riu-se muito a respeito de minhas theorias com relação a politica, e, felizmente, nunca mais me fallou sobre este assumpto, portanto, Snr. Bernardo, si se trata de negocio commercial, estou ao seu dispor.

—Mas... Julião, fallaste tanto sobre politica que

estava me parecendo que era eu um chefe politico e que estava te cabalando para as proximas eleições! Felizmente não te mandei chamar para tal. Não tenho a mesma opinião tua a respeito de politica, porém não se trata disto, o negocio serio que fallei é commercial, puramente commercial.

—Então, Snr. Bernardo, dou graças a Deus por não se tratar de politica e estou ao seu dispor.

—O negocio é serio como já te disse, trata-se de me responderes com toda franqueza.

—Prometto, respondeu Julião.

—Bem. O dinheiro que tens em minha casa dá muito bem para te estabeleceres, queres abrir uma casa de sociedade com o Affonso?

—Sim e não. Sim, si o Snr. já perdeu a confiança que depositava em mim, ou por outra, se os meus serviços já não são mais necessarios á casa. Não, se essa confiança ainda se mantem a mesma. Eis a minha resposta com toda franqueza de que sou capaz.

—Muito bem! Julião! Disse Bernardo levantando-se e estendendo-lhe a mão. Eu esperava isto mesmo de teu nobre coração e fiz esta proposta para me convencer mais uma vez se o juizo que faço a teu respeito, era mais uma vez confirmado.

—Muito obrigado, disse Julião commovido com o elogio.

—Mandei te chamar para fazer um convite. Queres ser meu socio?

—Com muito prazer e agradeço do fundo d'alma a sua generosidade.

—Julia! Chamou Bernardo.

Esta appareceu.

—Bom dia, Snr. Julião.

—Bom dia, d. Julia.

—Julia! disse o Bernardo para a esposa, chamei-te para apresentar aqui o meu socio.

—Minhas felicitações, Snr. Julião. A escolha não poderia recahir em pessôa mais digna.

—Muito agradecido d. Julia.

—Agora, disse ella para o seu marido, podes tratar de tua saude, o Snr. Julião tomará conta da casa enquanto cuidas de teu tratamento.

—E' isto mesmo minha querida mulher o que pretendo fazer, se a isto não se oppuzer o nosso amigo Julião.

—Pelo contrario, Snr. Bernardo, isto me proporciona um meio de demonstrar a minha gratidão.

Julião pedio licença e retirou-se. Ia radiante. Quando chegou ao estabelecimento foi immediatamente dar esta bôa noticia a Affonso. Este, por sua vez compartilhou da mesma alegria do irmão.

A noite, quando se reuniram todos da familia na casa do velho, foi feita uma manifestação ao Julião.

Elle então relembrava os seus castellos feitos ao ar quando era ainda creança.

Foi uma noite de alegria para todos.

*

* *

A saude de Bernardo cada vez mais se alterava; esteve uns mezes fóra da cidade numa fazenda de um

seu amigo e voltou no mesmo, não obtivera melhora alguma.

Foi ao Recife, procurou um medico muito afamado e este aconselhou-o que fosse passar uma temporada numa outra cidade.

Elle voltou a Garanhuns e communicou a Julião o conselho medico e perguntou-lhe qual era a sua opinião. Julião, então, disse-lhe que elle devia ir e que não se incommodasse com a casa.

—Mas Julião, eu tenho gasto muito dinheiro com esta minha molestia!

—Não faz mal, Snr. Bernardo, ainda não estamos em vias de fallencia, e quando se trata da saude não se deve olhar os gastos.

—Julião! Como teu socio sou o primeiro a ver que tenho retirado muito dinheiro e se continuo assim, poderei te prejudicar!

—Quanto a isto, Snr. Bernardo, pode ir descansado, pois quando o Snr. retirar o seu ultimo dinheiro, ainda restará a minha parte que tambem será sua e com muito prazer.

—Muito obrigado Julião, disse o Bernardo commovido pela generosidade daquelle rapaz, cujo desprenhimento pelo dinheiro, em seu beneficio, o admirava.

Dois dias depois elle partia para a cidade aconselhada pelo medico.

Esteve alli 6 mezes, no fim dos quaes a sua saude continuava a mesma, ou antes peiorava. Em virtude deste insuccesso voltou a Garanhuns.

Estava visivelmente peor.

Assim viveu ainda dois annos: um dia melhor, ou-

tro peor, até quando chegou a vez de descansar para sempre.

A viuva ficou sosinha, pois não tinha filhos, e inconsolavel pela perda de seu esposo.

Uma semana depois da morte de seu socio, amigo e protector, Julião foi a casa da viuva e contou as condições financeiras de seu finado marido, condições estas que não eram muito favoraveis, pois elle já havia retirado quasi todo o seu capital; porém que ella não se affligisse, visto elle estar alli prompto até o sacrificio para que nada lhe faltasse.

Ella agradeceu muito áquelle generoso rapaz, mas continuou sempre inconsolavel.

Oito mezes depois, desgostosa da vida, suicidou-se ateando fogo ás vestes.

*

* *

Após a morte de seu socio e de sua esposa, Julião propoz sociedade a seu irmão; e com a bôa orientação de ambos, em pouco, a casa não comportava mais mercadorias, sendo necessario, para o alargamento da mesma, a compra de alguns predios da visinhança, os quaes foram todos transferidos e ligados ao estabelecimento, ficando assim a maior casa commercial de todo municipio.

A casa continuou a progredir consideravelmente e em poucos annos eram os dois irmãos considerados por todos, como os mais ricos commerciantes da cidade.

Affonso casou e foi morar tambem na mesma praça onde morava a maioria de sua familia.

E assim se confirmava o que dizia d. Maria ao seu marido, vinte annos atraz, que havia de ser muito feliz naquella cidade e assim aconteceu.

Morreu um anno depois, feliz, vendo todos os seus progredirem.



VII

O municipio de Garanhuns, desde a chegada do Juiz de Direito, está debaixo do regimem do terror.

As familias da capital do Estado e de outras cidades, que vinham sempre passar temporadas alli, já não apparecem mais, e muitos antigos moradores fogem daquelle meio podre, onde reina o regimem da chibata e impera o do bacamarte.

A politica do municipio é uma pequena oligarchia, como o é a do Estado.

A prefeitura, ora está nas mãos do cunhado, ora nas do irmão do Juiz.

A verba orçamentaria é uma fonte de riqueza para as suas familias.

O povo não tem direito a nada, ou por outra, o unico que lhe assiste, é pagar impostos que, de anno a anno, vão sendo grandemente augmentados.

As ruas todas esburacadas pelas enchurradas e o lixo entulhado por todos os cantos.

E' uma verdadeira calamidade! A escola publica passa mezes e mezes fechada, pois o seu professor é deputado estadual e irmão do chefe politico desta infeliz terra, digna de melhor sorte.

O povo soffre calado, não apparece um só homem que venha em soccorro destes infelizes.

E não é só nestê municipio que se passam estas cousas, os outros visinhos, onde este juiz estendeu os

seus tentaculos, estão tambem passando pelas mesmas privações.

As barbaridades commettidas em Brejão e de que narramos algumas dellas nos capitulos anteriores, dentro da cidade se repetem e um pouco mais aperfeiçoadas.

Um dia passavamos pelos fundos da cadeia publica e ouvimos gritos lacinantes. Paramos.

O que se passava alli era horrivel pelos gritos que chegavam até nós. Avançamos mais um pouco e escutamos. Era doloroso ouvir-se aquelles gritos de socorro, de piedade e maldição.

Deixamos a correr aquelle logar sinistro, porque era impossivel um homem que tivesse uma pequena particula de sentimento de humanidade ouvir o que ouviamos naquella occasião.

No outro dia passava para o cemiterio um enterro e soubemos ser de um preso.

Quanto não teria soffrido aquelle pobre homem até descançar!!... Ninguem poderá calcular! Diremos descançar, porque mil vezes a morte do que estar passando pelos soffrimentos por que acabava de passar aquella infeliz creatura!

A morte em muitas occasiões é recebida com alegria, porque traz sempre o allivio de todos os soffrimentos.

Dias depois, encontrando-nos com um soldado conhecido, indagamos de que havia fallecido o preso que se enterrara na semana passada.

—Elle respondeu:

—«E' segredo a morte daquelle preso.

—Não nos poderias contar esse segredo?

—Posso, mas... muito cuidado! Porque o Dr. Juiz é um homem que não perdôa a ninguém; acho mesmo que se elle ainda tivesse mãe e essa cahisse-lhe no desagrado — morreria.

—Não tenhas cuidado Terencio (este era o nome do soldado) guardaremos religiosamente o teu segredo.

Elle então começou:

—Aquelle homem foi preso no mesmo dia que morreu; chegou pela manhã e ás 10 horas da noite estava morto. Uns 25 minutos depois de sua chegada recebemos ordem de applicar-lhe uma surra de sabre, ordem que foi logo executada e da seguinte maneira: dois soldados escolhidos dos mais fortes foram os executores, os dois pegaram no preso, um no braço direito e outro no esquerdo e começaram a surral-o; o da direita dava-lhe nos peitos e o da esquerda nas costas, até quando o homem não supportou mais e começou a vomitar sangue — elles então suspenderam.

Deixaram o pobre desgraçado na tarimba até ás 9 horas da noite, hora em que devia recommençar o castigo.

Durante o dia, um meu companheiro, já tinha ido ao açougue e se munira de uma bexiga de boi e 1 kilo de cêbo e de volta passara em casa e levava uma panella para a cadeia.

A' hora marcada o cêbo foi posto na panella e atearam-lhe fogo. Momentos após o cêbo fervia.

O preso quando vio os preparativos, *abrio a bocca no mundo. Berrava como um bezerro desmamado!* Pedia por tudo que não lhe applicassem aquillo; que lhe dessem um tiro ou uma punhalada, que seria melhor

para elle. Porém as ordens eram outras e não se podia transigir.

Fazia dó aquelle pobre homem!

Eu que sou um camarada experimentado, não quiz assistir. Foi mesmo uma felicidade para mim, não ter sido escalado para esse trabalho, porque se tivesse sido, acho que, pela primeira vez, teria desobedecido ás ordens. E' muito melhor dar-se um tiro num *cabra* do que executar aquellas atrocidades para as quaes foram meus camaradas escalados.

Deitaram o cêbo assim derretido dentro da bexiga, em seguida applicaram no pobre homem um clyster e foi a conta.

Acabada a operação o homem estava restabelecido da surra que levara pela manhã.

No outro dia foi feito o enterro.

O que elle fez, eu não sei; se tinha familia tambem não sei.»

Eis a historia do preso.

—Agora cuidado! Muito segredo neste caso!

—Guardaremos o teu segredo, Terencio, podes ficar tranquillo.

E dizer-se que monstruosidades como estas se deram em pleno seculo XX!!

E ainda mais, mandadas executar por ordem de um Bacharel e Juiz de Direito!!

*

* *

Não apparecia um homem que acabasse com a vida daquelle monstro.

Passeava pela cidade e andava a cavallo pelas fazendas e mesmo pelas cidades visinhas.

Mostrava-se em toda parte e até na capital do Estado, mas não apparecia uma só pessoa das familias victimas de suas atrocidades que vingasse aquelles innocentes!!...

No dia em que devia pagar todos os seus crimes, fôra avisado a tempo e escapara.

Vinha de Correntes para Garanhuns, o chefe politico dessa cidade e elle ia ao seu encontro. Mas, em certa altura do caminho encontrou-se com um soldado que vinha a cavallo, a toda carreira, e ao cruzar-se com elle deu a noticia do assassinato daquelle chefe e toda sua comitiva.

Elle então voltou o cavallo para Garanhuns e partio; assim conseguiu salvar-se.

Contemos, agora, porque fôra assassinado aquelle chefe amigo do Dr. Juiz de Direito: Era elle italiano e commerciante no municipio de Correntes. O Dr. Luiz o fez chefe da politica local; conhecendo elle o modo de agir do Juiz, quiz imital-o: mandou prender um rapaz de uma familia das mais importantes da localidade, accrescendo ser esse moço seu compadre, e mandou que os soldados o levassem para o centro da cidade, afim de varrer as ruas e apanhar o lixo na fralda da camisa.

Esse cidadão fez tudo quanto lhe ordenaram. Depois disso deram-lhe liberdade e elle desapareceu.

Nunca mais fôra visto na cidade, mas não andava muito longe, porque no dia da partida do chefe para Garanhuns, elle fôra avisado e, acompanhado de 5 ho-

mens bem armados, esperaram a sua passagem, escondidos no matto.

—Camaradas! disse elle aos seus companheiros, procurem attingir todos da comitiva com excepção do Chefe, esse será o meu.

Eis que surge na estrada quem elles esperam. Prepararam suas armas e cada um escolhe o seu.

Aproximam-se e ouve-se uma descarga de 6 tiros. Muitos cahem mortos e o soldado que escapou fugio miseravelmente.

Os homens sahem do matto e na estrada encontram estendidos ao chão 5 mortos e um sómente desmaiado. Este era justamente o chefe.

Sua esposa unica sobrevivente presente o põe no collo.

O rapaz aproxima-se para o ajuste de contas.

—Compadre! não acabe de matar meu esoso! Implora a esposa.

—Não, comadre, chegou o momento da vingança! E' necessario lavar a affronta que recebi, ordenada por seu esoso e meu compadre!

—Compadre! Aquellas malas que estão alli, contêm muito dinheiro, é todo seu se deixar meu marido viver.

—Mais uma affronta, comadre! Offerecer dinheiro em troco de minha vingança! Só o sangue apagará a nodóa que manchou-me. De que serveria o dinheiro do mundo inteiro se essa nódoa continuaria para sempre! E' necessario muito sangue para laval-a completamente, e ao mesmo tempo deixar um exemplo para os homens de minha terra, de modo a convencel-os

que a politica feita com a chibata e o bacamarte dará sempre este resultado.

Em vez da chibata e bacamarte, deveriam os politicos abrirem escolas, onde educassem os futuros eleitores, mostrando-lhes o caminho da civilisação e não da selvageria!

—Compadre! Não mate meu esposo, tenha pena de mim.

—Não! Absolutamente não! Ninguém teve lastima de mim. Nem comadre nem compadre, quando eu andava varrendo as ruas de Correntes, lembrou-se de mim. Todos riam-se.

—Perdão compadre! Matae-me, se assim fôr necessario a sua vingança! Derramae meu sangue em vez do delle!

—Não! Só serve o delle; portanto, peço a Snra. para se retirar.

O homem continuava desmaiado. A bala achatará-se de encontro ao relógio, por isso a causa daquelle desmaio.

A mulher não quiz obedecer ao aviso dado pelo compadre. Elle puxou do punhal e enterrou-o no coração do seu antigo algoz.

Estava vingado.

*
* * *

Com aquellas mortes, foi dado o primeiro brado de alarme.

O Juiz conheceu este brado de alerta para o seu municipio. Adoeceu.

O povo vive num somno continuo e basta, ás vezes, uma só pessoa despertar e soltar o grito de alerta para se o vêr todo em massa levantar-se prompto para vencer ou morrer.

Na cidade de Garanhuns dava-se isso, o povo dormia debaixo daquella oppressão.

O vingador de Correntes dera o grito.

O povo agita-se e ruge furioso sedente de vingança. O Juiz treme no leito de enfermo.

A atmospherá está carregada e não tardará á borrasca.

Quem tiver seu barco em máu estado, prepare-se que ella cahirá rapida e terrível.

O homem esperado para tomar a vanguarda apparece. Vae ao Recife, narra ao Governador todas as barbaridades commettidas no interior do Estado e principalmente em Garanhuns. Este horrorisa-se e immediatamente demitte o delegado dalli; muda todo destacamento e nomeia um official de policia delegado do municipio, ordenando-lhe que seguisse com uma força regular e abrisse um rigoroso inquerito.

O Juiz, soube por telegramma, da demissão do delegado. O choque foi grande para aquelle chefe invencível. Peiorou.

O official embarca com a nova força e o denunciante; chega á cidade num dia e no outro faz embarcar todas as praças do antigo destacamento.

O povo respira e o Juiz continua a peiorar.

Dias depois sahe o official com 6 praças e o denunciante. Levam ferramenta de sapa. Embrenham-se pela estrada a fóra.

O denunciante vae a frente como conhecedor do logar para onde se destinam.

Uma hora depois pára e diz para os outros: este é um dos logares que fallei.

Desceram todos dos cavallo. Entraram no matto.

—Cavem aqui (apontando o logar com a ponta de um páo).

Os soldados começaram a cavar, de repente re-
cavam horrorisados. O official aproxima-se e ordena no-
vamente a continuação do trabalho.

Dez minutos depois retiram da cova um esqueleto humano.

—Eis uma das victimas, diz o paisano, e, como esta existem muitas outras enterradas em todo o municipio.

—E esta, pergunta o official, como foi assossinada?

—Num sabbado, dia de feira na cidade, este homem commettera uma falta qualquer; a policia o perseguiu e quando chegou aqui, conseqüo prendel-o, mas como dava trabalho voltar com o preso a pé e ella a cavallo, o assassinaram e enterraram onde acabamos de retirar o seu esqueleto.

—Mas, o Juiz não soube desse acontecimento, disse o official.

—Como não soube Snr. delegado! Elle sabia de tudo quanto se passava no municipio e apoiava tudo, porque as maiores barbaridades foram por elle ordenadas. Este Juiz, Snr. delegado, é uma creatura deshumana, é um monstro! Quando elle morrer, acho que nem os vermes se aproximarão de seu corpo, fugirão delle horrorisados.

Enterraram novamente o esqueleto e voltaram á cidade.

Emquanto isto se passava, o Juiz em seu leito já estava sem falla e os medicos declararam que elle poucas horas teria de vida.

E assim aconteceu.

No outro dia pela manhã, o grande sino da Egreja dobrava, annunciando a sua morte.

Ninguem, a não ser os seus parentes e aquelles que enriqueceram com sua politica, dizia: «A terra te seja leve», pelo contrario, só se ouvia: «Maldição para sua alma».



VIII

Depois da morte do Juiz de Direito, o povo de todo municipio de Garanhuns pode afinal respirar— estava livre do monstro.

A politica ficou com o seu irmão. Este era completamente differente do outro: homem de um coração bondoso, incapaz de uma acção baixa.

Começou para o municipio uma nova phase de resurgimento, de progresso e engrandecimento.

As familias que amedrontadas estavam foragidas, voltavam as suas antigas terras.

Em poucos mezes o municipio estava completamente transformado. Os hotéis já tinham uma regular concurrencia. O commercio prosperava.

*

* *

Passavamos um dia pela frente do Paço Municipal e vimos um grande ajuntamento de povo.

Aproximamo-nos do edificio e soubemos logo de que se tratava: era um réo que entrava em novo julgamento e dizia-se que havia sido muito perseguido pela politica do finado Dr. Juiz de Direito.

Começou a sessão e ficamos por alli esperando os debates.

O Promotor Publico começou a accusação, mas sem

ardor; via-se mesmo que elle só estava fallando por um dever profissional.

Dez minutos depois terminava elle a accusação e pedia, como de dever, a condemnação do réo.

Os autos foram para a mesa do advogado da defesa. Este lê diversos trechos, criticando-os e mostrando suas irregularidades, concluindo por dizer que aquelle processo era uma vergonha, e não sabia como já uma vez haviam privado da liberdade o seu constituinte. Demonstrou que só uma perseguição politica; uma perseguição immoral; uma perseguição sem limites e sem tréguas, poderia ter conseguido a condemnação do réo a 30 annos de prisão cellular!

«Basta! Snrs. Jurados! E' tempo de alevantarmos o moral deste Tribunal! Basta de tanta villania, miseria e podridão! Já se foram os tempos em que neste tribunal se condemnavam innocentes como o foi o meu constituinte!

Terminou, afinal, a sua defesa debaixo de uma verdadeira ovação dos assistentes.

Os jurados recolheram-se a sala secreta e meia hora depois voltavam com a resposta dos quesitos.

O presidente do Tribunal leu-os e proclamou a absolvição do réo Antonio Alves, por unanimidade de votos.

Em poucos annos aquelle homem envelhecera, estava palido e o seu olhar morto. Foi muito o que aquelle infeliz soffreu. E deve dar-se por feliz ainda em sahir da lucta com vida. Vencera pela resignação; nunca reclamava cousa alguma. Sempre esperançoso e confiante em Deus.

* * *

O municipio floresce. Mario desde que assumiu a chefia politica tem trabalhado para fazer esquecer as antigas barbaridades commettidas na politica do seu finado irmão.

O partido opposicionista, organizado debaixo das mesmas hostes governamentaes, trabalha activamente para derribal-o do poder.

Estão proximas as eleições para prefeito do municipio. De ambos os partidos seguem 3, 4 homerçs diariamente percorrendo todo o municipio, cabalando cada qual para o seu candidato e mostrando as vantagens deste sobre aquelle.

O opposicionista ganha terreno sobre o outro, pois este tem um rastro de sangue de victimas innocentes immoladas na politica do irmão.

Chega o dia da eleição.

A matutada deixa a sua lavoura para vir cumprir um direito que lhe confere a Constituição da Republica.

Desde cêdo que chegam eleitores. Mais tarde deverão apparecer os grupos, pois estes são os ultimos que chegam, visto seus chefetes terem o prazer de vir á frente puxando o seu grupinho e fazer a entrada triumphal na cidade.

Fere-se a eleição, dando como victoriosa a chapa opposicionista.

Cahio o partido de Mario. O victorioso demitte todos os empregados do partido vencido.

Mario com a derrota não desesperou. Manteve-se numa attitude de calma e expectativa.

Os grupos do novo partido começaram a se desgostar com o chefe que escolheram. Em pouco tempo surgiu a opposição dentro da propria opposição victoriosa.

Mario, que acompanhava todos os passos daquelle lucha intestina, esperou o momento de agir. Quando achou que era chegada a hora, foi ao Recife e entendeu-se com os altos chefes da politica dominante.

Voltou satisfeito da viagem e tratou de arregimentar o seu pessoal.

Chamou um cidadão que era o seu braço direito na politica e contou-lhe o resultado que obtivera com a viagem a capital.

A este cidadão chamamos Francisco Chaves. E' um typo branco, sympathico e insinuante, e de um tino politico extraordinario. Possui um coração bondoso e humanitario.

A Prefeitura possuia um immundo ataude que servia de transporte aos corpos dos indigentes á sua ultima morada. Estava tão velho de fazer essas caminhadas que, muitas vezes, os cadaveres cahiam á rua.

Era uma vergonha!

Francisco Chaves vendo que aquillo era muito vergonhoso para uma cidade tão importante, fundou allí uma sociedade mortuaria e desde esse dia nunca mais se reproduziram factos como os que acabamos de narrar.

Morria um pobre qualquer, o triangulo de ferro batia annunciando um enterro.

Momentos após ao signal, reunidos na séde social, estavam 50 a 60 socios que, incorporados ao seu presidente, em religiosa romaria seguiam para casa

do fallecido, e a expensas da sociedade faziam o seu enterramento.

Ninguém, a não ser os do logar, diria que aquelle enterro era de um indigente.

Quando na rua encontrava um misero trapilho, levava-o á primeira casa commercial e comprava-lhe uma roupa nova. Em seguida convidava-o a dar um passeio até o banheiro publico e fazia-o tomar banho e despir aquelles andrajos.

Tal era o amigo de Mario e seu braço direito na politica.

*
* * *

Antes de dois annos já o partido victorioso estava em completa decadencia e Mario preparando terreno para a nova eleição de Prefeito. Mas ainda não tinha escolhido candidato; era necessario encontrar um que fosse bemquisto por todos e que fosse tambem uma pessôa de sua inteira confiança.

Pensou a principio em seu cunhado Julião, mas, sabia que este tinha odio de politica; já o havia experimentado e sahira-se mal, portanto, era necessario recorrer ao outro seu cunhado, Affonso, pessôa que reunia os predicados exigidos.

Foi a elle e appellou para sua amizade e parentesco, e tanto o convenceu que elle acabou acceitando.

Francisco começou a propaganda. O candidato era conhecidissimo em todo o municipio e como nunca fôra politico, gosava de estima geral.

Chegou o dia da eleição e Affonso foi eleito Prefeito Municipal.

Começou elle, então, a fazer melhoramentos para a cidade: os buracos existentes em todas as ruas foram logo fechados; empregou uma turma de homens para a limpeza da cidade; e deu inicio á edificação de um matadouro publico.

Em poucos mezes de sua administração, a cidade estava melhorada grandemente. Como já tivemos occasião de dizer, nos capitulos anteriores, Affonso era incansavel para o trabalho.

Nesta época a politica do Estado estava se agitando. A oligarchia que dominava o Estado ha vinte e tantos annos, o povo não a podia mais supportar, e procurou um candidato para o cargo de Governador.

Este candidato era um militar honrado, honesto a toda prova e que satisfazia as aspirações do povo.

Em todos os municipios foram organisadas Juntas Eleitoraes para a propaganda do candidato do povo.

A de Garanhuns foi organisada sob a presidencia de um negociante serio, honrado e respeitado por todos.

A este cidadão daremos o nome de Honorio. Era um typo branco, muito corado e bastante sympathico, descendente de uma das familias mais numerosas da terra.

Tinha elle vastas aspirações e pensava congregar todos os elementos politicos em um só.

Desenvolveu sua propaganda em todo municipio e em breve contava com uma victoria certa.

Affonso, Prefeito Municipal, era casado com uma sua sobrinha, e se bem que luctassem em campos opostos na politica, jámais deixaram de ser amigos particulares.

Um seu primo, Bacharel em Direito, moço muito intelligente, porém de um character falho em politica, fôra por elle convidado a se alistar sob sua bandeira, respondendo-lhe que ainda não era tempo; deixasse primeiramente ver em que pairavam as cousas. Estava portanto, bem patente que elle não tinha confiança na victoria do candidato do povo; ainda julgava que a oligarchia era invencivel, demonstrando com essa sua resposta que, só quando não houvesse duvida alguma sobre a victoria, era que abandonaria as fileiras governantes.

Um outro cidadão, chefe de um grande grupo eleitoral e possuidor de uma regular fortuna (para o lugar) fôra tambem por elle convidado, porém ninguem acreditava na derribada do poder daquella oligarchia enraizada e antiga; este respondera positivamente que não votava em *soldado*.

A campanha em pról do candidato do povo crescia, e já quando as eleições estavam proximas, o Estado quasi conflagrado e a victoria certa, o primo do Honorio passou-se para o seu lado com armas e bagagens.

Nesta época, o Governador do Estado enviara, para uma cidade visinha, um official de policia com uma numerosa força. Logo após o seu desembarque em Garanhuns espalhou elle os soldados pela cidade e estes começaram a prohibir o povo dar vivas ao seu candidato.

O primo de Honorio, a quem daremos o nome de Anibal, fôra ameaçado por um soldado dessa força para não continuar a fallar em candidaturas.

Existia uma sociedade de tiro nesta cidade, da

qual era presidente o Dr. Annibal, e instructor um official do Exercito, official esse 'muito conhecido no seu meio, pela bravura com que se portou na campanha de Canudos, e entre o povo do logar, por ser parente da maioria de seus habitantes.

Quando o Dr. Annibal foi ameaçado, mandou immediatamente um seu amigo a casa desse official convidando-o a uma conferencia.

O official attendeu ao seu convite e chegando a sua casa, já encontrou-a cheia de atiradores. Nesta occasião passava pela frente a força toda embalada, e ostensivamente percorria todas as ruas.

Elle então contou ao official o acontecimento e pediu-lhe para formar o tiro para desaffrontar-se com a policia.

—Não! Absolutamente! Respondeu o official. As consequencias de uma lucta entre atiradores e a policia são fataes, e eu como official do Exercito me opponho *in totum*. Admira-me o Dr. pensar em semelhante meio de reacção, querendo, assim, expor vidas preciosas como as destes jovens aqui presentes! Não! O meio a empregar é outro e eu vou tomar as providencias.

—E no caso da força policial tentar invadir as casas dos opposicionistas, qual é então a sua attitude, tenente? Perguntou o Dr. Annibal.

—Este é um caso todo especial e muito differente do primeiro. Acontecendo isso eu formaria o Tiro e a frente destes jovens camaradas, defenderia a população inerme da cidade até tombar o ultimo.

—Muito bem! E' isto mesmo, tenente! disseram todos.

O official levou os atiradores para a séde do Tiro, mandou a ordenança levar á estação um telegramma para o General Inspector da Região, communicando-lhe a attitude do official de policia e sua força, ficando com os atiradores, até alta noite, dando-lhes aula de momennclatura do fusil.

No dia seguinte já haviam providencias da parte do General, pois em vez da força seguir ao seu destino, voltou á capital.

Graças a este distincto official do nosso Exercito, foi evitada uma grande hecatombe, insuflada por um *Bacharel em Direito!!!*

A indole daquelle povo é bôa, dependendo sómente de quem o guie; se encontra um homem sensato que o oriente, trilha sempre no bom caminho, porém, se cahe na infelicidade de ser guiado por um insensato, então, todo elle embrenha-se para o abysmo.

Bem vimol-o nessa noite em que um puxava para o bem e o outro para o mal, vencendo o primeiro.

*
* *

A campanha em torno das candidaturas continuou ruidosa e intensa.

O povo estava disposto a tudo, até a lucta armada se assim fosse necessario para a victoria do seu candidato.

Chegou, finalmente, o dia da eleição e com elle a victoria do povo sobre a velha dominadora oligarchia.

O povo delirava em todo o Estado e em Garanhuns

o Dr. Annibal organisou, em signal de regosijo pela victoria, uma paseata pelas ruas, sendo seu intento apoucar os vencidos.

O official instructor sabedor do que se premeditava, ordenou a um sargento e alguns soldados do Exercito que prendessem a quem quer que fosse perturbar a ordem na cidade, evitando assim, serias consequencias.

O Dr. Annibal, depois da victoria, começou a agir junto ao militar eleito Governador do Estado, contra o seu primo, porque via nelle um homem altivo e que jámais se sujeitaria a ficar sob sua chefia, quando elle foi o trabalhador incansável e presidente da Junta victoriosa, accrescentando ter-lhe negado appoio, quando a lucta estava indecisa.

Devia em breve se realisar a eleição para Prefeito do municipio e Honorio era candidato, mas a isso se oppunha seu primo, allegando até contra elle os seus poucos haveres; apresentando e trabalhando em favor daquelle mesmo cidadão a quem já nos referimos, quando Honorio convidara a votar no militar victorioso e que este respondera categoricamente *não votar em soldado*.

Começou a cabala no municipio.

Todos os elementos da politica vencida estavam ao lado de Honorio, que reunidos aos seus, tornava-se uma força poderosa. Mas o outro possuia o dinheiro, esta força que tudo vence, até as proprias consciencias dos homens.

O Dr. Annibal, junto ao Governador, não perdia uma só occasião em procurar o appoio deste para o seu candidato, o que em pouco tempo conseguiu.

No dia da eleição, o candidato do Dr. Annibal,

encheu a cidade de cangaceiros armados, com o fim de amedrontar os eleitores do seu contendor.

O resultado da eleição pela leitura desta narração está bem claro, deu em resultado negativo para Honório.

Vencera a perfidia sobre o trabalho.

Mario e seus amigos tremeram com a victoria do contendor de Honório. Abandonaram o campo da lucta partidaria e conservaram-se calmos e cuidando cada qual de sua vida particular.

*
* *

Estava a politica do municipio entregue novamente a um cangaceiro.

Começaram as perseguições em baixa escala enquanto era Governador o militar. Quando este acabou o mandato e o seu successor assumio as rêdeas do governo, aquellas foram augmentando de intensidade, voltando a falta de liberdade para todos aquelles que não acompanhavam a sua nefasta politica.

Organisaram-se listas negras com os nomes daquelles que deveriam ser surrados, sendo, numa destas listas, o numero um, o Francisco Chaves.

Este foi surrado pelo irmão e sobrinhos do chefe. Revoltou-se contra esse acto de selvageria e resolveu vingar-se na pessoa do proprio chefe, unico responsavel pela desfeita soffrida.

Esse cidadão tinha se elevado em pouco tempo e nessa occasião era deputado estadual e achava-se no Recife tomando parte nas sessões legislativas.

Francisco não teve duvida, na manhã seguinte ao dia em que fôra surrado, tomou o trem para a capital, onde chegou á tardinha. Nesta noite encontrou-se com quem procurava.

Foi uma scena rapida; ao defrontal-o descarregou toda carga de seu revolver a queima roupa. O homem tombou sem vida.

Elle sahio dalli e entregou-se a prisão.

* * *

Após a morte daquelle chefe, foram logo passados telegrammas para Garanhuns communicando sua morte. Então, os seus parentes e amigos se exaltaram e pela manhã, todos armados percorriam as ruas ameaçando de morte os seus inimigos politicos, o que não punham logo em execução por estar esperando os cangaceiros mandados vir de Brejão.

A cidade ficou alarmada temendo as consequencias daquella exaltação.

Em breve começaram a chegar cangaceiros de todas as partes.

Só esperavam para o ataque um numeroso grupo de Brejão.

Entre os ameaçados de morte estavam Mario, Afonso, Julião, Venancio, cunhado de Mario, Honorio e muitas outras pessôas de destaque social.

Honorio logo que teve conhecimento de que sua pessoa estava ameaçada, resolveu vender muito cara a sua vida. Armado com um fusil «Mauser» e seus dois filhos armados de revolveres e espingardas de

caça, esperaram resolutos a morte, mas combatendo.

D'ahi a pouco aproximou-se um grupo, que vinha sondar a resistencia. Avançaram para a porta e viram logo que alli não se entrava assim tão facil: Honorio abriu o ferrolho e na caixa da arma entrava um pente com 5 cartuchos.

—Mais tarde veremos se resistirás! Disse um do grupo afastando-se. Deixa chegar o pessoal do Brejão! E retirou-se ameaçando voltar.

—Pae! disse-lhe o filho mais moço, é preciso fugir para salvarmos as nossas vidas.

—Não. Respondeu elle, eu ficarei no meu posto até a morte. Quem fôr cobarde póde retirar-se. Não estou pedindo a ninguem que fique. Eu morrerei, mas um bom cortejo seguirá commigo. Eis a minha resolução.

O homem, de vermelho que era, estava rubro. Parecia um leão rugindo cercado por caçadores.

—Pae! insistia o filho, por mais bravura que um homem possa ter, jámais combaterá contra 300! E' preciso fugir.

—Retire-se de minha frente, cobarde! Pódes fugir, já que estás com mêdo, eu ficarei e estes miseraveis assassinos verão o que é um homem!

—Não pae! Eu não estou com mêdo. Ficarei ao seu lado até a morte. Mas de que servirá a nossa morte? Sómente contribuiremos para a satisfação dos nossos inimigos!!

—Não attendo. Ficarei.

O rapaz entrou para o interior da casa, estava triste, pois conhecia o perigo e sabia que todos os seus morreriam se o pae não se resolvesse a fugir,

—Elza! disse elle para sua irmã. Vae vêr se consegues o nosso pae mudar de resolução. E' impossivel uma resistencia segura. Nem armas temos! Se ao menos possuíssemos mais dois fuis «Mauser»! Mas, nada temos, é uma morte certa.

—Maximo! Já fallaste a elle sobre o teu plano de fuga?

—Já, sim, porém elle chamou-me de cobarde e diz que não sahirá. Procurei todos os meios para convencel-o, mas tudo debalde. Mandou até que me retirasse de sua frente, que eu tinha era mêdo.

—Bem. Eu vou ver se consigo elle mudar de idéa. Espera-me aqui.

Foi a sala onde encontrou o pae passeando, com o fusil na mão, de um lado para outro.

—Pae! disse ella, o Snr. deve fugir immediatamente. Não convem esperar mais nem dez minutos.

—Não. Respondeu elle. Não attendo a ninguem. Isto mesmo já disse a teu irmão. Morrerei no meu posto.

—Qual posto, qual nada! E' preciso fugir. Eu, mãe e os meninos nos refugiaremos debaixo da bandeira americana: (era a casa de uma familia Norte Americana muito amiga); é preciso o Snr. vêr que ainda tem mulher a sustentar e filhos a crear.

—Basta, minha filha, diz aos teus irmãos que venham.

Ella voltou e disse para os irmãos sahirem, o quanto antes.

Momentos depois subiam os tres o alto da estação e ganhavam o matto.

Deram uma longa volta pelo matto e depois to-

maram a linha ferrea. Seguiram pela linha abaixo.

De repente ouviram o rumor de um trem que se aproximava.

Pararam.

O pae disse para os filhos:

—Vamos ameaçar com as armas o machinista, se elle tiver mêdo e parar a machina, estaremos salvos.

Assim fizeram.

Os tres de um lado e outro da linha, apontaram as armas, a machina foi pouco a pouco diminuindo a marcha, até parar por completo.

—Estamos salvos! disseram todos.

Era um trem de lastro. Subiram para a machina e ordenaram a partida com um pouco mais de velocidade.

Os inimigos, quando souberam da fuga, mandaram 8 homens a cavallo, para assassinal-os onde os encontrassem, porém elles já estavam com um avanço de 15 kilometros.

Saltaram na primeira estação e d'ahi seguiram para a cidade de Canhotinho, onde chegaram á tarde.

Poderam ahí respirar. Estavam completamente livres de perigo.

Os outros não fizeram o que fez Honorio; dirigiram-se á casa do Juiz de Direito e pediram-lhe garantias, o qual respondeu que não as poderia dar, visto se encontrar ameaçado. (Mentia cynicamente).

Em vista disso, pediram garantias ao delegado de policia, que os levou para a cadeia dizendo que elles alli estariam plenamente garantidos, não devendo, portanto, temer cousa alguma.

Antes, porém, diversos cangaceiros, tendo á fren-

te o irmão do chefe assassinado, se dirigiram á casa de um medico da localidade, onde, chegados, todos dispararam as armas que traziam.

Penetraram na residencia do medico, aggrederam o mesmo, fracturando-lhe a cabeça.

Alguem presente na óccasião intervio pedindo que poupassem a vida do medico visto elle ser innocente.

O commercio fechou suas portas, temendo o saque. A cidade apresentava um aspecto horrivel.

Grupos e grupos de cangaceiros já estavam na cidade esperando sómente os que vinham de Brejão, para então começar o ataque á cadeia publica, onde se haviam refugiado os ameaçados de morte.

Affonso, de fórma alguma queria ir se refugiar na cadeia, mas, tanto insistio seu irmão Julião, que elle accedeu dizendo:

— Vou para o matadouro, porém fui teu amigo na vida, serei tambem na morte.

Mais tarde dava entrada na cidade um numeroso grupo de gangaceiros vindos de Brejão. Assim se encontravam na cidade cerca de 300 cangaceiros.

La começou a lucta, pois os cangaceiros marchavam para a cadeia.

Nesta occasião se achava na cidade um official reformado do Exercito que aconselhava o ataque e dirigia todo o plano de campanha.

Dizia elle para áquelles monstros ignorantes que não tivessem receio, pois não haveria crime uma vez que o numero de assaltantes fosse superior a 50, e, assim sendo, era considerado sedição.

O padre sahio á rua pedindo a todos calma e que tivessem compaixão dos infelizes refugiados na cadeia,

mas, aquelles monstros não attendiam a ninguem, maximé quando tinham um insuflador terrivel, como era aquelle official reformado.

Estavam sedentos de sangue; ardiam pela chacinna.

Os chefes daquelles terriveis cannibaes chamaram o delegado que se achava na cadeia e com elle palestraram reservadamente.

Após esta palestra o delegado abandonou a cadeia, deixando-a entregue aos soldados.

Aproveitando esse ensejo os bandidos começaram a fazer fogo contra a cadeia matando logo a sentinella.

As demais praças em numero de 4, vendo o succedido, e no cumprimento de seu dever, fizeram uso de suas carabinas e brava e heroicamente resistiram durante 15 minutos ao fogo dos assaltantes.

O cabo, commandante da força, á frente de seus companheiros, cheio de denodo, resistia, fazendo fogo, sempre fogo, até quando cahio atravessado por uma bala.

O numero de assaltantes era superior e, apesar da bravura das praças, estes em breve teriam de recuar.

Alguns dos infelizes, refugiados alli, quizeram vender caro as suas vidas; um delles era Affonso. Este começou a atirar tambem, com um heroismo extraordinario, e assim de vez em quando cahia um bandido, atravessado por um de seus tiros, e resistio até quando tombou.

A resistencia foi aos poucos cessando, por falta de defensores e de munição; então, os bandidos, gri-

tando, ou por outra, uivando como lobos famintos entraram na cadeia.

Deu-se então uma scena impossivel de descrever.

Os «lobos», assim uivando, entraram na cadeia e agarrando cada um a sua presa mataram todos, apesar dos pedidos e rogos que faziam, até de joelhos.

Uma das victimas, filho do Dr. Luiz, ao receber a primeira punhalada deu uma formidavel gargalhada. Enlouquecera de horror!

Mutilaram todos os corpos e despojaram-nos de tudo quanto tinham nos bolsos e, como não podessem se apoderar dos aneis de uma das victimas, cortaram-lhe os dedos.

Acabada a lucta, fugiram todos deixando o pateo da cadeia juncado de cadaveres.

O filho de Affonso, creança de uns 6 annos de idade, assistio a toda aquella scena, e, quando o pae tombou sem vida, elle arrecadou dos seus bolsos tudo o que ali estava, e, em seguida, tirou-lhe os aneis dos dedos. Foi quando um dos bandidos aproximou-se e, pegando-lhe por um braço, levantou o punhal para assassinal-o, acto que não praticou, devido a um outro que gritou-lhe:

— Não faças isto! E' muito ruim sangue de creança!

O pobresinho sahio rua em fóra, chorando a perda de seu pae.

As familias das infelizes victimas immoladas pelos cangaceiros, como loucas, cabellos em desalinho, pés descalços, sahiram pelas ruas a correr e gritar em demanda da cadeia, onde ao chegar depararam com o quadro estupidamente horroroso; seus chefes cahi-

dos mortos, em poças de sangue, e com os membros dilacerados pelos cannibaes.

O velho João de Carvalho, ao ter conhecimento da morte de seus filhos, enlouquecera.

Transcrevemos aqui uma carta escripta, na prisão por Francisco, e publicada pelo «Jornal do Recife», sobre os acontecimentos de Garanhuns:

«Snrs. Redactores do «Jornal do Recife»:

Treme-me a mão, turva-se-me a vista ao traçar estas linhas, porque tive noticias seguras da armadilha pregada aos meus inditosos e innocentes amigos, victimas indefezas, assassinadas e encurraladas, sem poderem fugir á armadilha adrede concebida por dois monstros humanos. Era o meio seguro da eliminação, temendo-se, que algum dia ainda podessem subir ao poder e pedirem contas e restituições de furtos de gados, tomadas de casas e de propriedades alheias, cujos donos aguardam o dia em que surja, em Garanhuns, a justiça, quando terminasse o dominio do arrocho, que, pae, terminou agora para sempre.

Com a morte dos innocentes, nada conseguiram, porque algum dia, alguém chamará a estas prestações de contas, nem todos morreram.

Fico attonito e pasmo sómente em pensar como meus infelizes amigos acreditaram e cahiram em tão infame cilada!!

Por mais falto de logica que se seja, não se pode comprehender que 6 homens (solda-

dos) pudessem resistir á furia de 100 ou 300 cannibaes a tempo açoitados e sedentos de sangue! Pedir garantias a inimigos rancorosos, que ha tempos vinham aplainando o terreno da eliminação! Só o mêdo pode operar tal confiança.

O Dr. Juiz de Direito, de conluio com o celebre delegado da morte, foram os auctores deste plano traiçoeiro. Dentro de uma cadeia sem segurança, azilarem-se 11 creaturas para serem fria e cobardemente assassinadas. Que cantigas infernaes, poderam fazer acreditar aos infelizes, segurança naquelle casarão da morte? Bem urdido plano!

Como se explica, o delegado infernal não ter assumido o commando da defesa e não ter morrido juntamente com seus commandados, honrando a farda que em má hora lhe foi confiada? E' que o tenente delegado tinha certeza de que resultaria naquella ratoeira da morte.

Porque o Juiz infernal não deu azylo em sua propria casa, logar seguro e respeitado pela sua coorte de bandidos? O publico reflecta e estude esta monstruosa perversidade. Meus infelizes amigos, confiantes nas suas innocencias, pois não concorreram para o crime, que num momento de loucura pratiquei, entregaram-se confiantes nas mãos dos algozes crueis.

Os gritos de dôres de innocentes creaturas, as lagrimas de sangue derramadas por inditosas viúvas, serão o vosso eterno pesadello.

Vossas almas, nasceram gêmeas para o mal.

Eternamente serei perseguido pelo remorso do crime que pratiquei, mas 5 annos de perseguições de todas as sortes, amenisarão meus soffrimentos. E vós monstros crueis que invocareis para suavisar os vossos remorsos?

Dizei, confessae em nome de vossas victimas, que mal vos fizeram (citou diversos nomes de victimas) e as demais victimas, que confiantes se entregaram a vossa guarda?

Vamos, respondei!

Eu, causador involuntario de tanto mal, de joelhos, peço perdão ás familias das victimas innocentes, e que do além sabem da dôr que me martyriza e das lagrimas de fogo, que derramo, sobre seus tumulos de martyres.

Deus que se amercie de nós.

Um infeliz que não deve ser amaldiçoado.

Francisco.»

* * *

João de Carvalho, como narramos anteriormente, enlouquecera e, todas as tardes, á porta de sua casa espera a passagem de seus filhos para suas residencias.

Pobre velho! Quanta dôr soffreste com a perda de teus filhos!

Espera, que a justiça de Deus cahirá implacavel sobre os assassinos de teus filhos!

Foi melhor perderes a razão, para assim teres teus sofrimentos amenisados.

* * *

D. Josepha morrera como havia prophetisado a filha do Antonio Alves; atacada de variola, foi abandonada por todos, inclusive seus filhos. Morreu, assim, miseravelmente, inchada de bexigas... Chamando por socorro e ninguem lhe ouvindo.

* * *

Mezes após os acontecimentos narrados, todas as viúvas abandonaram a terra maldita, onde já tinham sido tão felizes e hoje eram tão desgraçadas.

* * *

Muitos dos responsaveis desta horrivel hecatombe, estão presos, cumprindo 30 annos de prisão, sendo que o official reformado a que nos referimos cegou na prisão.

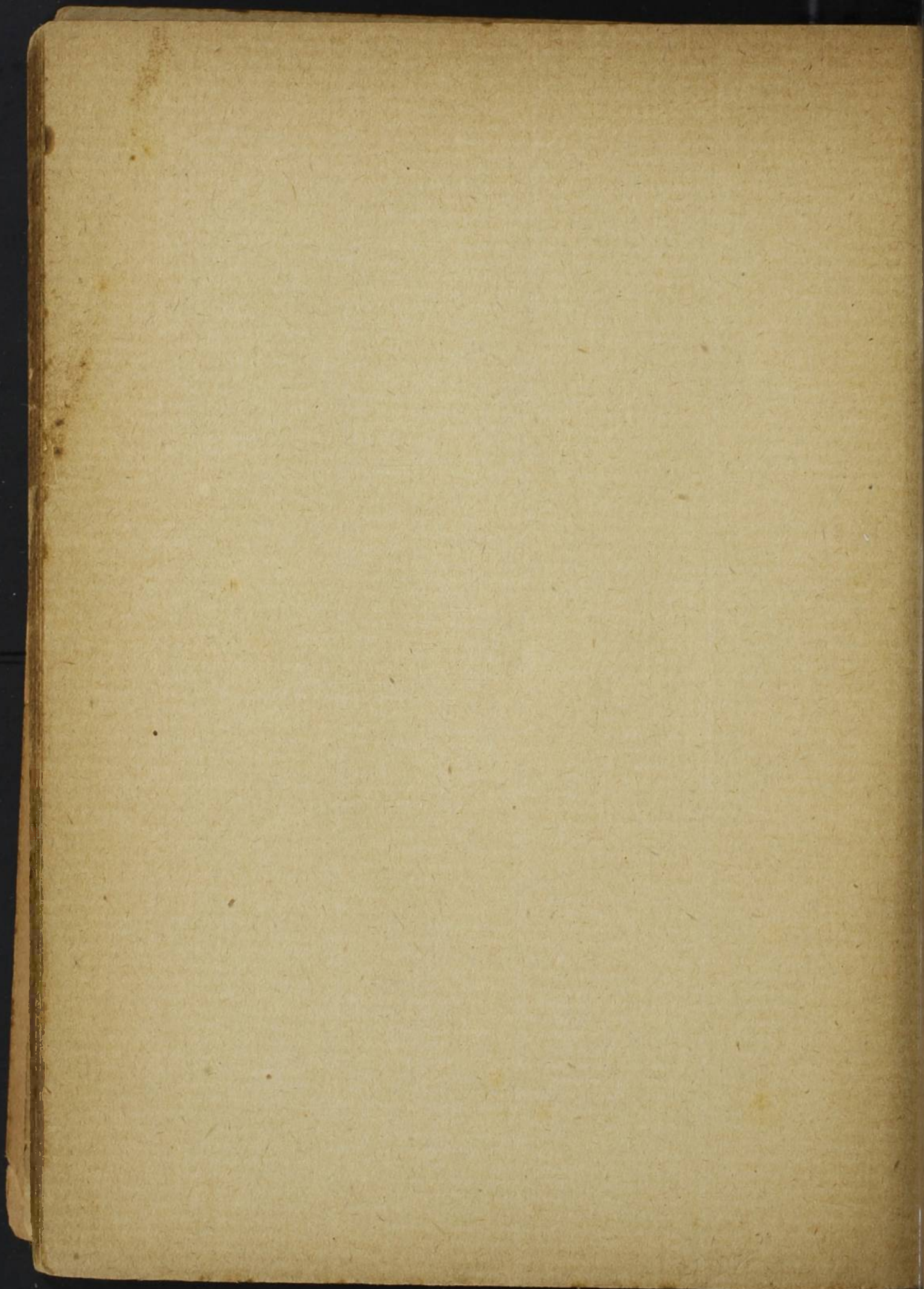
Um outro, que casou pouco antes destes acontecimentos, tendo nascido uma filha, pede á sua inditosa mulher para não leval-a a prisão, onde elle se acha, para que esta nunca venha a saber que seu pae é um miseravel assassino.

Muitos outros teem sido assassinados, e a maioria ainda anda foragida.

* * *

Francisco Chaves, causador involuntario da hecatombe, no primeiro julgamento foi absolvido e hoje está livre e solto.





011250

